



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

**GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO**

REBECA MARIA REBOUÇAS ALMEIDA DA SILVA

***DE VOLTA ÀS RUAS: UM RELATO SOBRE A PRÁTICA DO
SKATE EM SALVADOR***

Salvador
2022

REBECA MARIA REBOUÇAS ALMEIDA DA SILVA

**DE VOLTA ÀS RUAS: UM RELATO SOBRE A PRÁTICA DO
SKATE EM SALVADOR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação com Habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino

Salvador
2022

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação com Habilitação em Jornalismo apresenta a fundamentação teórica e o memorial descritivo do processo de produção do documentário 'De volta às ruas: um relato sobre a prática do skate em Salvador'. O produto final trata da prática do skate como esporte e modo de vida, em especial entre a juventude de Salvador, e a repercussão do esporte nas Olimpíadas Tóquio 2020, observando as mudanças e transformações que podem ter ocorrido a partir do evento mundial na percepção de praticantes de diferentes bairros da cidade, partindo dos conceitos de redes e agentes mediadores. A investigação se deu através de pesquisa bibliográfica, entrevistas, filmes, videoclipes, matérias jornalísticas, eventos, e artigos relacionados ao skate e aos recortes geográficos e de tempo. O objetivo do produto final é compreender como a prática do esporte se relaciona com a cultura urbana e a juventude soteropolitana, sobretudo em meio a pandemia de Covid-19 e após repercussão do esporte na mídia, através das Olimpíadas, além de abrir horizontes no que tange às políticas públicas para a juventude na cidade devido ao potencial de mediação socioeconômica na rede de pistas de skate da cidade. O documentário 'De volta às ruas' será distribuído no YouTube.

Palavras-chave: skate, Salvador, documentário, Olimpíadas, mediação, esporte.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.1 Contexto histórico.....	9
2.2 O Skate no Brasil.....	10
2.3 Juventude, contracultura e modo de vida.....	10
2.4 A prática do skate na virada do século.....	14
2.5 Participação do esporte nas Olimpíadas Tóquio 2020.....	17
2.6 A prática de skate em Salvador e RMS.....	19
2.7 Pistas de skate: redes, mediação e multiterritorialidades.....	22
2.8 Documentário: mediação e tratamento criativo da realidade.....	26
3. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	
3.1 Motivação inicial.....	28
3.2 Processo criativo e planejamento.....	30
3.3 Personagens / entrevistados.....	31
3.3.1 Caio Campos — anda de skate com auxílio de um remo.....	31
3.3.2 William Figueredo — abriu sua empresa após começar a vender peças.....	32
3.3.3 Matheus — sai de São Caetano para andar na pista de Ribeira.....	33
3.3.4 Jonatas — têm seu primeiro skate tatuado na barriga.....	34
3.3.5 Larissa Rebouças — estava cansada de ficar tanto tempo dentro de casa	35

3.4 Filmagens.....	36
3.5 Edição e montagem.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A — PRÉ ROTEIRO	
APÊNDICE B — TRANSCRIÇÕES	

INTRODUÇÃO

A prática do skate remonta ao final dos anos 50 e início dos anos 60, no entanto, a precariedade dos equipamentos naquela época fez com que a adesão inicial tenha sido muito breve. A partir de 1972, a conjuntura social trouxe à tona a juventude como um novo agente social em busca meios para se apropriar do espaço urbano, e uma inovação tecnológica — o desenvolvimento de rodas de poliuretano (material mais resistente que os utilizados anteriormente nos carrinhos) —, resgataram a prática do skate na Califórnia e abriu-se espaço para o desenvolvimento do ‘modo de vida’ ou ‘estilo de skatista’, inserido no contexto da contracultura urbana. Essa relação entre skate, juventude e rebeldia foi bastante explorada pelos meios de comunicação, e também foi apropriada por diferentes movimentos ligados à juventude, como o Punk e Hip Hop, adquirindo diferentes características de acordo com espaços e contextos urbanos onde foi apropriada.

No Brasil, a prática do skate é bastante comum. A quantidade de praticantes brasileiros, cerca de 10,1 milhão de pessoas — amadores ou não — fica atrás apenas dos EUA, onde o esporte foi criado. O cenário nacional é muito rico em estilos e eventos que envolvem a prática. Além disso, o país também é referência devido a existência de atletas brasileiros com reconhecimento mundial, como Sérgio Fortunato de Paula, um dos profissionais mais antigos em atividade, Bob Burnquist, 10 vezes campeão mundial e maior recordista de medalhas no X-Games — um dos principais campeonatos skate do mundo por ser onde se concentram o maior número de patrocinadores de esportes radicais —, e, mais recentemente, com três medalhistas olímpicos: Raíssa Leal, Pedro Barros e Kelvin Hoefler. Esses skatistas conquistaram três medalhas de prata e colocaram o país em segundo lugar na categoria durante os jogos em Tóquio.

A presença do skate nas Olimpíadas de Tóquio 2020 (que aconteceu em 2021, por causa da pandemia da Covid-19) provocou uma nova onda de visibilidade para o esporte. Além disso, trouxe novamente à tona debates acerca do estilo de vida, juventude, contracultura e indústria cultural, que, para muitos skatistas, se contrapõem à prática resumida a competições e rivalidades.

Neste trabalho, busco explorar esses debates a partir do recorte geográfico de

Salvador. Procurei entender, a partir de entrevistas, como os jovens que praticam ou passaram a praticar o esporte compreendem o debate entre a “esportificação” versus a “essência skatista”. Além disso, busquei compreender como se forma a rede de skatistas da cidade, que se encontram nas pistas mas também criam laços e se reconhecem através das redes sociais. O skate como ferramenta de mediação possui um forte potencial de conexão entre os praticantes, de forma que com a compreensão destas relações é possível traçar um panorama de diferentes juventudes soteropolitanas, suas nuances, conflitos e particularidades, que se encontram, se chocam e convivem na rede de pistas presentes na cidade.

O documentário traz entrevistas com jovens soteropolitanos que praticam o esporte e se aproximam do skate em contextos diferentes. Jonatas (John), 24 anos, é morador de São Tomé de Paripe, teve contato com a prática no bairro onde mora e viu no esporte uma alternativa para “os caminhos fáceis e letais que existem nas comunidades”, como ele mesmo define ao falar da aproximação entre a juventude, sobretudo negra, e o tráfico de drogas, fato marcante na vida nos bairros periféricos das capitais brasileiras.

Outro entrevistado é Caio Campos, também de 24 anos, morador do bairro da Pituba, que viu na prática do skate uma alternativa para alcançar velocidade que suas pernas não alcançam. Caio nasceu com uma malformação na coluna vertebral que atinge as pernas e afeta sua locomoção. Ele começou a andar de skate aos 14 anos e até hoje faz isso com o auxílio de um ‘remo’, adaptado por ele mesmo. Ideia que teve e elaborou a partir de vídeos na internet.

Já William, mais conhecido como GG, é outro jovem skatista que mora em Salvador. Ele fez da prática que trouxe da adolescência o seu sustento, pois atualmente é dono de uma loja especializada em peças de skate, localizada no bairro da Ribeira. Ele conta como a empresa foi afetada durante a pandemia da Covid-19 e como a visibilidade da participação do esporte nos jogos olímpicos o ajudaram a manter o negócio.

Mateus Freitas é outro skatista da cidade, mora em São Caetano e sai do próprio bairro para praticar o esporte no bairro da Ribeira, onde considera a pista melhor, apesar de ainda sofrer com um certo ‘descaso’ do poder público, segundo ele mesmo descreveu. O jovem conta que gosta de praticar o esporte como uma forma

de se expressar e acredita que a competitividade entre os pares, reforçada pelas Olimpíadas, não é completamente benéfica para a comunidade de skatistas de Salvador. Ele ressalta que a visibilidade trazida pela mídia fez com que haja mais rivalidade na pista e venda de equipamentos falsificados, o que dificulta o desenvolvimento dos iniciantes no esporte.

Por fim, Larissa Rebouças, moradora da Boca do Rio, encontrou no esporte uma forma de “melhorar a autoconfiança, sair do contexto familiar”, que com a pandemia de coronavírus se tornou mais sufocante e fechado. O choque entre o ambiente doméstico e a rua, no caso a pista, tornou mais evidente para a jovem o racismo e a desigualdade social que ainda permeiam as relações na cidade e se reproduzem, de forma sutil ou não, contra os skatistas. Ela acredita que os jovens em situação de vulnerabilidade social, e sobretudo os negros, são os que mais sofrem preconceitos. Por outro lado, pensa que a prática do esporte ajudou-a a expandir horizontes, fazer amizades e desenvolver a autoconfiança que buscava.

Este trabalho foi desenvolvido como um produto audiovisual devido a possibilidade de ouvir essas histórias diretamente dos entrevistados. Além disso, há o relato do início da prática do skate por parte da pesquisadora durante a pandemia da Covid-19, quando normas de isolamento social foram instauradas como medidas para impedir a propagação da doença. Desta forma, o filme também é um depoimento de alguém que começou a sair de casa para reencontrar no esporte o contato com as ruas, onde se encontram tantas nuances e contradições.

Com o avanço da tecnologia, o registro de vídeos se tornou mais acessível e mais fácil de ser compartilhado. Além disso, durante a pandemia de coronavírus, o movimento nas pistas era abaixo do normal, o que não fornecia segurança necessária para filmar com equipamentos mais rebuscados. Por isso, foi utilizado um smartphone para fazer imagens nas pistas de São Tomé de Paripe, Parque dos Ventos e Ribeira, em Salvador, além de registrar as conversas com os entrevistados. Apesar de enfrentar algumas limitações de qualidade quando comparado aos equipamentos de vídeo tradicionais, o celular traz uma mobilidade maior para transitar pelas ruas e também têm a vantagem de ser mais leve e discreto, facilitando a realização deste filme.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Contexto histórico

Não há consenso sobre o surgimento do skate. No entanto, sabe-se que a prancha sobre quatro rodinhas em dois eixos foi patenteada em 1936 e teve a primeira adesão expressiva entre as décadas de 50 e 60, como um brinquedo infantil nos EUA. Nessa época, a novidade teve alguma adesão entre as crianças, mas por um período curto.

Já na década de 70 o 'brinquedo' foi resignificado. De acordo com Brandão (2011), dois fatores foram fundamentais para isso: uma inovação tecnológica nas rodas de skate fabricadas até então e uma conjuntura social que consolidou a juventude como um novo agente social, o que foi apropriado tanto pela Indústria Cultural quanto pela contracultura.

Segundo o autor, a relação entre esses três conceitos foi explorada no documentário 'Dogtown and Z-Boys', produção audiovisual sobre história de um grupo de jovens da Califórnia, nos EUA, que teriam fundado as bases do esporte conhecido como skate.

O grupo era formado por adolescentes de uma área da Califórnia conhecida como Dogtown, eles formavam o Zephyr Team, equipe mais conhecida como Z-Boys. Inicialmente surfistas em uma região do píer de Santa Mônica e Venice, local que foi devastado pela passagem de um furacão em meados dos anos 70, o grupo composto por Stacy Peralta (diretor do documentário), Tony Alva, Jay Adams, Peggy Oki e outros, ficou conhecido por trazer movimentos do surf para o skate, que até então estava distante do gosto popular.

“Surfistas da região de Santa Mônica e Venice, eles conviviam com a impossibilidade de praticar o esporte depois de certa altura da manhã, quando o vento comprometia a formação das ondas. Aderiram ao skate e foram os responsáveis por combinar a suavidade dos movimentos do surfe de então com a agressividade do skate, influência que segue até os dias de hoje” (TRIP, 2001).

Dessa forma, o skate foi re-apropriado e ressignificado pelo grupo, que trouxe à tona uma nova forma de praticar o esporte. Por outro lado, há ainda a inovação tecnológica que permitiu o alcance de mais velocidade e mais aderência sobre o asfalto e outras superfícies: o desenvolvimento das rodas de poliuretano.

Os materiais usados anteriormente nas rodinhas costumavam ser argila, ferro ou borracha. Quando com a adesão do poliuretano, o tempo de vida da roda aumentou consideravelmente, bem como sua agilidade, permitindo a realização das manobras e ao mesmo tempo oferecendo uma maior aderência ao solo, tornando os skates mais seguros. Essa informação é abordada no documentário 'Dogtown and Z-Boys' (2001), citado por Brandão (2011) e também por Olic (2014).

2.2. O Skate no Brasil

Assim como nos EUA, o skate também passou a se popularizar entre os jovens brasileiros na década de 70, primeiro no Rio de Janeiro e em seguida se espalhando para outros estados.

No entanto, conforme reforça Olic (2014), apud Britto (2000) e Brandão (2011), no Brasil o apelo do público partiu das revistas especializadas, que parecem ter visto no skate um possível novo nicho de mercado, oriundo do surfe. De acordo com o autor, neste período “muitas revistas passaram a realizar reportagens sobre o skate e em pouco tempo publicações especializadas surgiram, assim como as primeiras pistas e competições” (OLIC, 2014).

Para Olic (2014), esse fato que caracteriza os primeiros contatos do skate com o público brasileiro deixou a 'cena do skate' inicialmente “muito presa à cultura do surfe e dependente de empresas que enxergavam o skate como um campo de investimentos”. De acordo com o autor, isso mudaria na década seguinte, anos 80, com aumento da visibilidade da cena e surgimento de diversas manifestações culturais que iriam se apropriar do espaço urbano para expressar modos de vida através da forma de se vestir, falar e comportar-se. (OLIC apud ABRAMO, 1996), com destaque para o movimento Punk.

2.3. Juventude, contracultura e modo de vida

Um dos principais movimentos urbanos com influência no skate foi o Punk. Para Brandão (2011), isto se deve a dois fatores: primeiro porque empresas passaram a apostar na estética punk para vender produtos para os skatistas e segundo por causa do apelo do discurso anarquista do movimento para skatistas que praticavam o esporte a apropriar de forma transgressiva o espaço urbano.

[...] existe uma semelhança entre a atitude do skatista de deambular por locais não projetados para sua prática com a atitude do movimento punk em negar qualquer tipo de imposição social. Em suas novas representações do urbano, os skatistas carregavam também um pouco do espírito utópico desse movimento, pois ambos enxergavam a realidade como algo possível de ser questionado, negado e refeito a sua própria vontade (Brandão 2011).

Além disso, para compreender o contexto de popularização do skate como um 'modo de vida', e seu apelo para a juventude, é necessário explorar o conceito de 'contracultura'. De acordo com Brandão (2011), o período histórico entre as décadas de 1960 e 1970 foi marcado por crises na família tradicional, divórcios e aumento de famílias monoparentais, o que gerou um aumento do poder da juventude, e a possibilidade de uma profunda mudança entre as gerações.

Brandão apud Hobsbawm (1995), para explicar que este fator foi crucial para que os jovens, que naquele contexto passavam a possuir uma existência mais autônoma, tornaram-se uma força motriz para mudanças nos modos e costumes da época, "tornando-se símbolo de um fenômeno que passou a ser conhecido como contracultura" (BRANDÃO, 2011).

"Pode-se entender o termo contracultura por dois vieses, que embora até certo ponto diferentes, relacionam-se entre si. Numa primeira e mais usual acepção, o termo invoca o conjunto de movimentos de rebelião da juventude de marcou os anos de 1960: o movimento *hippie*, o *rock and roll*, o uso de drogas, a liberdade sexual, entre outros fatores que eram movidos por um forte espírito de contestação, de insatisfação e desejo de mudança. Entretanto, como explica Carlos Pereira (1986), contracultura também pode estar associada a algo mais abstrato ou menos específico do que os exemplos citados acima, sugerindo, por exemplo, um certo comportamento informal, um estilo descompromissado ou algum posicionamento mais anárquico que, de

alguma forma, viesse a romper com 'as regras do jogo'. (BRANDÃO, 2011, p. 45).

O surf, que estava inserido nesse contexto, assumiu um lugar de 'expressão' para muitos jovens da época. E, mais tarde, conforme já foi mencionado, o skate como um desdobramento do surf, foi ressignificado como um esporte radical urbano, com ligações com o movimento punk.

A banda Charlie Brown Jr. se destaca pelo apelo musical e o skate no Brasil. Formada na cidade de Santos, em 1992, o grupo sempre utilizou elementos do esporte e a rebeldia do movimento punk. No entanto, a banda não é considerada punk, mas hard-rock, um desdobramento do primeiro. Era composta por Chorão (vocal), Champignon (baixo), Marcão (guitarra), Thiago Castanho (guitarra) e Renato Pelado (bateria) e o grupo sempre marcava presença em campeonatos de skate em todo Brasil e é sempre lembrado pelos skatistas mais velhos de Salvador como referência musical e na popularização da cena do skate em todo país.

Mais tarde, o skate se aproximou da cultura do Hip-Hop, devido a ideia de transgressão e o apelo para com a juventude das periferias urbanas. O rapper Kamau é uma das figuras mais expressivas nesse cenário no Brasil, tendo sido skatista profissional e ao mesmo tempo reconhecido como artista, compositor e beatmaker. Kamau escreve letras sobre diferentes temas pertinentes à cultura periférica, inclusive sobre a prática do skate pelas ruas das cidades.

Mariane (2019), define a cultura do Hip-hop como um fenômeno urbano: "A cultura de rua que aqui se fala, também conhecida como cultura do Hip-Hop, concentra diversas expressões artísticas-culturais (o rap, o grafite, break dance), geralmente produzidas por jovens, tendo como principal referência suas vivências individuais e coletivas no contexto das cidades".

Ao ressaltar a relação entre a prática do skate e a juventude, Mariane usa a visão de Martin e Vitagliano para o papel transformador desta categoria social. “O jovem está em todos os espaços, e por isso influencia diretamente nos rumos da sociedade em todos os segmentos” (2019). Por isso a importância de compreender a juventude brasileira e seu potencial de transformação da sociedade.

Os mesmos autores definem um conceito para o termo juventude:

“[...] é uma construção social muito diversa, que abarca inúmeros segmentos. Para entender a juventude precisamos contextualizá-la a partir de suas relações com gênero, raça, cultura e classe social. Não há uma única juventude, e sim várias formas de vivências de juventudes” (2019).

Nesse sentido, jovens de diferentes contextos sociais têm vivências diferentes na prática do skate. Fatores como bairro de origem, raça e gênero afetam diretamente a relação dos jovens com o esporte, com espaço urbano, com as pistas, com outros praticantes e também como são percebidos pelo público externo.

Este trabalho não teria como dar conta de todas as juventudes existentes em Salvador, por conta disso, foram selecionados alguns skatistas com perfis diferentes para compartilhar suas experiências com a prática do esporte. Cada um com dificuldades em diferentes desigualdades estruturais da sociedade brasileira (racismo, machismo e falta de acessibilidade para pessoas com deficiência) e, portanto, com diferentes formas de se inserir no espaço urbano.

Vale ainda ressaltar que, conforme destacam Martin e Vitagliano (2019), “a juventude é a primeira a sofrer com as consequências das deficiências estruturais e dos retrocessos políticos”, por conta disso cabe um olhar específico para os jovens e suas práticas. “Para falar da juventude da periferia precisaremos juntar o saber popular com o científico” (MARTIN E VITAGLIANO, 2019).

2.4 A prática do skate na virada do século

Se na década de 80 a atitude transgressora trazida pelo movimento punk se consolidou como modo de vida do skatista, nos anos 90 e início dos anos 2000 essa característica se espalhou por todo país e se firmou na cena urbana juvenil. Ao mesmo tempo, neste período também surgiram movimentos para o desenvolvimento de um 'mercado skatista', que passou a buscar a descriminalização e pregar a prática mais como um esporte radical, distanciando-se das ruas e se aproximando do poder público para a construção de pistas públicas.

Segundo Olic (2014), no final dos anos 80, a apropriação do espaço urbano se torna uma marca "essência skatista", mas esta acaba se consolidando mais como uma atitude da juventude do que um esporte de fato. Incluindo uma conotação negativa, devido a associação entre a prática do skate e a delinquência juvenil:

Ao se apropriar do espaço urbano por meio da criação de riscos produtores de emoções, o skate então passou então a criar uma imagem associada à marginalidade e ao vandalismo. Afinal, a performance dos skatistas acaba desgastando e destruindo os equipamentos urbanos devido ao atrito provocado pelas manobras, além de sua presença, muitas vezes, afugentar os frequentadores habituais do espaço. (OLIC, 2014).

Ainda nos anos 80, surgiram ações judiciais tentando tornar prática ilegal, conforme relata Olic (2014), devido as transgressões praticadas no espaço público. Em 1988, o então prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, chegou a proibir a prática de skate no Parque do Ibirapuera, um dos principais pontos de encontro dos skatistas da cidade. Em resposta, diversas manifestações foram realizadas, o que levou o gestor a proibir o skate em toda cidade. Foi no ano seguinte, com a posse da nova prefeita, Luiza Erundina, que a medida foi revogada.

Em 1988 também foi fundada a União Brasileira de Skate (UBS), que mais tarde se tornou a Confederação Brasileira de Skate (CBSK). Olic detalha que a CBSK, juntamente com associações de empresários voltados para o mercado do skate colaboraram para a realização de campeonatos brasileiros (amadores e profissionais) no começo dos anos 90. Outro fator importante para a institucionalização da prática foi quando o empresário Alberto “Turco Louco”, passou a exercer o cargo público de vereador e deputado de São Paulo e criou o dia municipal do skate, comemorado em 3 de agosto.

Nos anos 90 até a virada do século, diversas pistas públicas de skates foram construídas nas cidades brasileiras. Neste período, o esporte adquiriu uma terceira conotação, passando a ser tratado pelo poder público como uma “ferramenta de inclusão social” (OLIC, 2014). Por conta disso, segundo o autor citado, a maioria dos equipamentos são instalados nas áreas consideradas periféricas dos centros urbanos.

No entanto, vale destacar que raramente essas pistas criadas como ‘políticas de inserção’ se aprofundam de fato nas necessidades dos jovens, em especial soteropolitanos. Normalmente adquirem apenas um caráter de ‘tapar buracos’ e de ‘solução rápida’ para promover uma ideia de realização de políticas para a juventude. Exemplo disso é o fato de que, em Salvador, muitas pistas não possuem drenagem (de forma que alagam ao chover), não são planejadas por profissionais especializados, não contam com estrutura para primeiros socorros, banheiro, bebedouros e não recebem a devida atenção para manutenção dos equipamentos, o que muitas vezes é feito apenas pelos próprios skatistas.

Em abril de 2022, após a realização deste trabalho, a Federação de Skateboard do Estado da Bahia (Faseb) anunciou a reforma de cinco pistas da cidade:

Quadro 1 - pistas de skate com reforma anunciada | Fonte: Faseb

Pista de Skate Baixa de Quintas (BX5);
--

Pista de Skate de Canabrava (Praça da Juventude);
Pista de Skate do Imbuí;
Pista de Skate de Stella Maris;
Pista de Skate Parque dos Ventos (Boca do Rio);
Pista de Skate Parque da Cidade;
Pista de Skate de São Tomé de Paripe

Em maio deste ano, duas estavam passando pelo processo de reforma, a pista do Imbuí e a do Parque dos Ventos. A pista da Ribeira estava inicialmente na lista mas foi retirada por ser considerada necessária uma demolição total, tendo em vista que não atende condições técnicas viáveis para reforma.

A partir da aproximação com as periferias brasileiras o skate se aproximou também do movimento Hip-Hop. Olic resume a cronologia das manobras e aproximação da prática com diferentes contextos da seguinte forma:

Nos anos 70 surgiu o estilo skate surfe, caracterizado pela transposição das manobras realizadas nas ondas pelos surfistas para o asfalto. Na década de 80 o estilo skate punk imprime um novo conjunto de práticas corporais baseadas, sobretudo, na exploração da arquitetura urbana. Já nos anos 90 o skate rap deixa sua prática mais técnica e amplia o campo de possibilidades de manobras a serem realizadas. Ou seja, se nos anos 70 as manobras se restringiam a “rasgadas” (slides) no asfalto, vinte anos depois as manobras se multiplicaram, assim como os locais em que são executadas. (OLIC, 2014).

Essa nova fase do skate trouxe também um novo apelo estético e nova onda de visibilidade. A moda ‘streetwear’, como ficou conhecida, utilizava roupas largas, coloridas, com desenhos grafitados, calças abaixo da cintura, gorros e bonés. Além do apelo estético que trouxe nova onda de visibilidade, foi também neste período que muitos skatistas brasileiros começaram a se destacar no cenário mundial.

“O skate na virada do século passou a se organizar com o objetivo de conquistar uma maior profissionalização e reconhecimento, para além dos de seus praticantes. Esta iniciativa acabou aproximando-o da dinâmica que envolve os grandes eventos esportivos” (OLIC, 2014).

No momento atual, a moda ‘streetwear’ permanece entre a maioria dos praticantes do skate, assim como a aproximação com o movimento Hip-Hop e o movimento Punk. Apesar da prática seguir em direção a institucionalização e esportificação, as duas influências citadas têm forte apelo estético e no modo de agir entre os jovens, por conta disso, permanecem sendo utilizadas pelo setor privado para venda de produtos. Também pelo poder público, devido pelo já citado apelo para com a juventude periférica e a ideia de política de inserção social. Por fim, ainda faz parte do ‘modo de vida do skatista’, a transgressão que muitos jovens buscam seguir, de forma direta ou indireta.

Para os ‘defensores’ da prática do skate como uma subcultura urbana que deve ser praticada nas ruas, o ‘modo de vida’ e a apropriação do espaço urbano se aproximam com o da o modus operandi da pixação, que também faz parte da cultura Hip-Hop. Muitos skatistas falam sobre “se apropriar do espaço urbano”, que, para eles, é um espaço público que deve ser usado por todos.

Esses atletas não aceitam que a prática seja limitada às pistas construídas pelo poder público e chegam a ver o exclusivo delas como uma limitação e o uso de outros equipamentos públicos, por outro lado, como uma atitude transgressora.

2.5 Participação do esporte nas Olimpíadas Tóquio 2020

Na virada do século o cenário do skate se profissionalizou e passou por nova onda de visibilidade. A prática se aproximou de grandes eventos esportivos, empresários e instituições se fortaleceram e os praticantes seguiram a tendência. Já

em 1996, durante os jogos de Atlanta, foi levantada a possibilidade da participação do esporte nas Olimpíadas. Em 2000, o Comitê Olímpico passou a tratar o assunto com seriedade. (Olic apud Vegas, 2012). Mas foi somente em 2021 que a primeira participação do skate nos jogos olímpicos de fato aconteceu.

Atualmente, a prática do skate é bastante comum no país. De acordo com levantamento realizado pelo Instituto DataFolha, em 2015), a quantidade de praticantes brasileiros, cerca de 10,1 milhõesde pessoas — amadoras ou não — só fica atrás dos EUA, onde o esporte foi criado, também segundo a pesquisa Datafolha (2015). A indústria nacional ligada ao esporte também é considerada a segunda maior do mundo, atrás dos EUA, cujo mercado é estimado em US \$4,5 bilhões (R\$23,3 bilhões) ao ano.

Ainda de acordo com a pesquisa Datafolha, cerca de 11% dos lares brasileiros têm pelo menos um membro que pratica ou anda de skate. O maior percentual fica na região sudeste do país, com 14% de famílias com pelo menos um praticante do esporte. A região nordeste fica em último lugar, com 7%. No que tange ao gênero, 81% dos praticantes brasileiros são homens e mulheres são 19%. Quanto à classe social, a maioria dos praticantes são classe C (47%), seguidos de D/E (27%); classe B apresenta 23% e A, 3%.

O cenário nacional é muito rico em estilos e eventos que envolvem a prática. Além disso, o país também é referência devido a existência de atletas brasileiros com reconhecimento mundial, como Sérgio Fortunato de Paula, um dos profissionais mais velhos em atividade, Bob Burnquist, 10 vezes campeão mundial e maior recordista de medalhas no X-Games, um dos principais campeonatos skate do mundo, devido ao grande apelo midiático em torno da competição.

Durante os jogos olímpicos, o skate brasileiro terminou com três medalhistas: Raíssa Leal (a atleta brasileira mais jovem dos últimos 85 anos a receber uma medalha olímpica), Pedro Barros e Kelvin Hoefler, que colocaram o país em segundo lugar na categoria.

Desde o começo a polêmica entre esportificação versus 'modo de vida' do skatista faz com que o tema gera inúmeros debates. Há skatistas que defendem que

a institucionalização fortalece o esporte e há outros que discordam e acreditam que isso ajuda a “apagar” o lado “transgressor” da prática do skate nas ruas das metrópoles.

Para Olic (2014):

“[...] as transformações que dinamizam a prática do skate se articulam em torno das polaridades rua versus pista, diversão versus treinamento, skatista versus atleta, que, por sua vez, guardam relação com o processo de maior mercantilização e “esportificação” que o skate vem atravessando nos últimos tempos. Para ser reconhecido e expandir sua prática, o skate precisou se organizar e criar canais de como explorar sua radicalidade e seu espírito for fun para além da rua”.

De maneira geral, a prática do skate no Brasil segue a tendência da esportificação, desde os anos 90, com ações de institucionalização e fortalecimento do mercado especializado. No entanto, persiste uma certa desconfiança de muitos skatistas em relação a esse processo, porque a competição poderia apagar ou diminuir o “modo de vida skatista”, que passa pela transgressão e ajuda mútua entre os pares. Além disso, pode não representar uma mudança de fato na forma como o poder público trata as políticas públicas para a juventude.

Essa desconfiança foi partilhada pelo medalhista Pedro Barros, que apesar da participação nas Olimpíadas, trouxe um discurso voltado para a união, celebrando mais a visibilidade para com o esporte do que para a medalha em si, que chamou de ‘souvenir’. “O que eu espero que o skate leve das Olimpíadas é a estrutura, ter mais pistas, mais skate para casas de crianças que não têm condições, mais união e amor até dentro da nossa comunidade.”, disse em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, em agosto de 2021.

2.6 A prática de skate em Salvador e RMS

Em Salvador existem, atualmente, 13 pistas públicas espalhadas pela cidade. São elas:

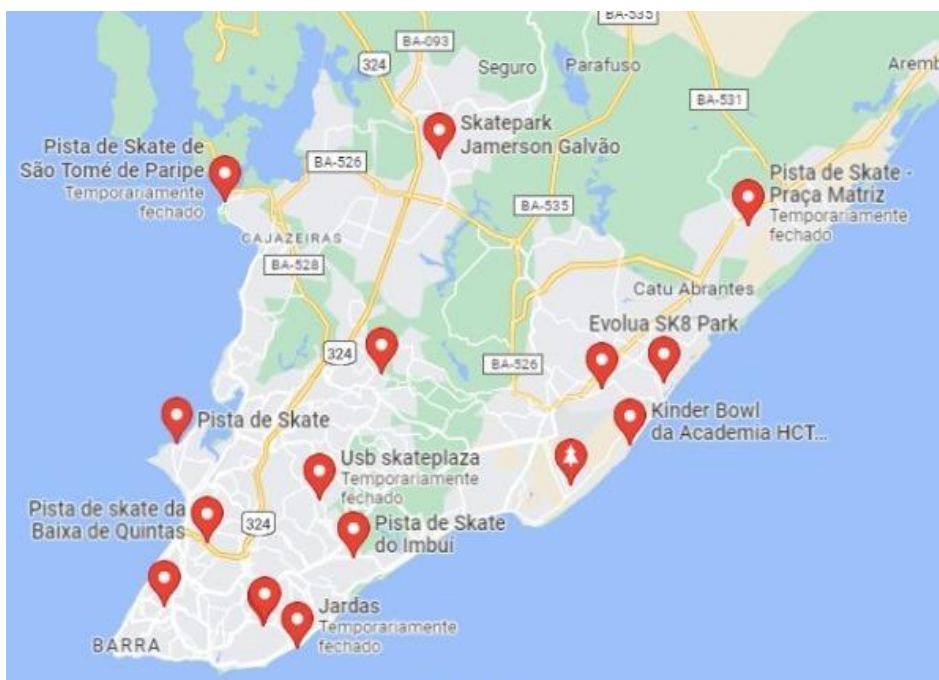
Quadro 2 - pistas públicas de skate em Salvador | Fonte: levantamento da autora

LOCAL	BAIRRO
Parque da Cidade	Itaigara
Praça João Mangabeira	Barris
Praça do Imbuí	Imbuí
Praça Conjunto ACM	Canela
Praça Reitor Miguel Calmon	São Caetano
Pista de Stella Maris	Stella Maris
Praça Conjunto Metro 1	Pirajá
Praça da Matriz	São Cristóvão
Parque Jardim dos Namorados	Pituba
Parque dos Ventos	Boca do Rio
Praça Dodó e Osmar	Ribeira
Pista de Lauro de Freitas	Lauro de Freitas
São Tomé SkatePark	São Tomé de Paripe

Além disso, há alguns pontos que não são pistas especializadas, mas praças onde grupos se reúnem com certa frequência para praticar e socializar, exemplo é o espaço próximo à Paróquia de Sant'Ana, no Rio Vermelho. Além deste, há grupos que praticam no Centro Administrativo da Bahia (CAB), em horários não comerciais, no Pelourinho e em vários outros pontos menos expressivos. Esse levantamento foi feito a partir de pesquisas de campo e conversas com grupos de skatistas.

Com relação às lojas especializadas de skate, há seis espalhadas pela cidade, de acordo com levantamentos feitos no GoogleMaps e pesquisas de campo. Como já mencionado, todas se localizam em bairros da orla de Salvador.

Figura 1 – pistas de skate em Salvador | Fonte: GoogleMaps



Há grupos de skatistas no whatsapp, cujas pessoas vão sendo adicionadas a partir do momento que começam a frequentar uma pista e fazer amizades. O grupo ‘Skatecrew’, por exemplo, conta com 113 participantes, homens e mulheres de diferentes faixas etárias. Há um grupo feminino, chamado ‘Dendêcrew’, que conta com 53 participantes. No entanto, apesar da quantidade, poucos skatistas são realmente ativos nos grupos, que servem como local para marcar idas à uma determinada pista, venda de peças e conversas que giram em torno da prática do esporte. A faixa etária varia bastante, de adolescentes a adultos. Não há um critério específico para entrar em um grupo, normalmente isso é feito após uma aproximação com as pessoas nas pistas de skate.

Também há presença ativa nas redes sociais, sobretudo Instagram, onde os adeptos da prática normalmente compartilham vídeos de manobras ou com estética

característica do 'lifestyle'. Skatistas amadores que participam de campeonatos e alcançam posições de destaque normalmente ganham bastante seguidores e muitas vezes fazem trabalhos de parcerias com marcas e lojas de skate da cidade.

No que tange às relações entre os skatistas, costuma prevalecer um certo reconhecimento mútuo entre os praticantes, mesmo para com os novatos. Há poucas mulheres praticantes do esporte, apesar do crescente interesse do público feminino na prática. A produção deste trabalho se concentrou sobretudo na pista do Parque dos Ventos, na Boca do Rio. Desde que foi inaugurada, o espaço recebe jovens e crianças de diferentes faixas etárias. Funciona de terça-feira à domingo, das 7h às 22h. Os horários mais frequentados são à tarde e à noite, principalmente nos finais de semana.

Não há registro de violência envolvendo skatistas no local. Também não há registro de acidentes, porém, apesar do parque ter um espaço onde haveriam profissionais especializados para primeiros socorros, no período em que foi realizado este trabalho, este só funcionava nos finais de semana. Nos outros dias o espaço permanece fechado. O policiamento do parque é feito pela Guarda Civil, que realiza algumas rondas ao longo do dia.

2.7 Pistas de skate: redes, mediação e multiterritorialidades

“O campo urbano contemporâneo avança e alcança novas fronteiras, demarcando sua presença inclusive nos espaços digitais” (MARIANE, 2019). O skate enquanto prática urbana não foge desta premissa.

Em Salvador, de acordo com as pesquisas de campo, as pistas públicas são pontos plurais onde skatistas se encontram para praticar e socializar. Esses diferentes pontos formam uma rede, onde as trocas são feitas presencialmente e também por

meio das redes sociais. As trocas alcançam os jovens de maneira significativa, participando até da formação da identidade de vários indivíduos. Essa característica, que não é exclusiva do skate e nem da prática na capital baiana, pode explicar a noção de 'modo de vida do skatista', presente em diversos meios e tão amplamente utilizado pelas empresas e governança.

De acordo com VELHO (2001), "na sociedade moderno-contemporânea, a construção do indivíduo e de sua subjetividade se dá através de pertencimento e participação em múltiplos mundos sociais e níveis de realidade". Essa formação de grupos é evidente no contexto da prática do skate.

Além disso, a presença de diferentes grupos nas pistas das cidades permite a formação de um contexto de mediação cultural. "Mediação", de acordo com Velho, é um processo de troca que é vivenciado entre diferentes atores sociais, ressaltando diferenças e tensionamentos ou criando alianças e promovendo trocas culturais.

Nesse sentido, a rede de pistas podem ser compreendidas como locais de mediação entre muitos jovens soteropolitanos, que oriundos de diferentes contextos sociais, se encontram nestes locais e também nos grupos e redes sociais na internet, onde alianças, trocas e tensões ocorrem, revelando um microcosmo que participa da formação da juventude que pratica o esporte.

No entanto, vale ressaltar, a rede de pistas espalhadas pela cidade não é apropriada de forma homogênea. As melhores pistas se encontram em bairros mais centrais e privilegiados da cidade, enquanto que as mais distantes são menores e recebem menos cuidado por parte do poder público e até são menos visitadas pelos próprios praticantes. Skatistas 'periféricos' muitas vezes saem dos seus bairros de origem para andar em outros locais, podendo agir como 'mediadores', que segundo a definição de Velho (2001), são indivíduos que fazem trânsito entre diferentes mundos, estilos de vida e experiências.

Muitas vezes esses encontros tornam nítidas as diferenças socioeconômicas presentes na sociedade brasileira. Enquanto alguns skatistas têm acesso a equipamentos, roupas e peças caras e de marcas conhecidas, outros têm dificuldade de conseguir um skate simples ou um par de tênis para praticar. Não é difícil encontrar jovens e crianças que ficam nas pistas pedindo skates emprestados de terceiros para dar voltas e fazem isso descalços, muitas vezes ferindo os próprios pés.

Outra característica que ressalta as diferenças sociais e econômicas em torno da prática é que as lojas especializadas não se localizam nos bairros mais periféricos, ainda que estes tenham pistas de skate construídas pelo poder público. Mais do que a localização das pistas, a localização das lojas revela as diferenças econômicas entre os diferentes bairros de Salvador.

Por outro lado, a noção de ajuda mútua, construída no período em que a prática do skate era muito mais fortemente associada à delinquência juvenil, faz com que perdure uma certa “noção de colaboração”. Muitos skatistas doam peças uns aos outros e se mobilizam para conseguir ajudar alguém que não possa comprar equipamentos ou mesmo um skate para praticar.

Vale destacar que, como no caso das empregadas domésticas, exemplo de mediação abordado por Velho (2001), a troca entre skatistas na rede de pistas da cidade também não ocorre em via de mão dupla. Enquanto as pistas mais centrais são as mais frequentadas e onde ocorre o encontro entre skatistas de diferentes classes sociais, poucos skatistas de classes mais altas saem dos seus locais de origem para frequentar pistas menos valorizadas nas zonas periféricas da cidade.

O potencial mediador nas pistas de skate de Salvador é forte, havendo a possibilidade de aproximação entre diferentes setores sociais por causa do interesse comum no esporte. A participação em campeonatos, bom desempenho na pista e boa socialização permitem à um skatista de classe social mais baixa obter certo prestígio

e reconhecimento e, com isto, conforme prevê Velho (2001), podem atuar como mediadores. Esse fenômeno foi descrito pelo autor ao tratar do conceito de mediação.

“A possibilidade de lidar com vários códigos e viver diferentes papéis sociais, num processo de metamorfose, dá a indivíduos específicos a condição de *mediadores* quando implementam de modo sistemático essas práticas. O maior e o menor sucesso de seus desempenhos lhes dará os limites e o âmbito de sua atuação como *mediadores*” (VELHO, 2001, p. 25).

Essa característica presente no cenário do skate existe em diferentes grupos das sociedades moderno-contemporâneas, devido a heterogeneidade, diferenciação e desigualdade socioculturais e, de acordo com Velho, faz com que a esfera do poder tenha papel proeminente. Portanto é fundamental identificar o fenômeno para que se possa “mobilizar recursos para a mobilização de projetos individuais e grupais como a garantia de sobrevivência, o atendimento a necessidades de todos os tipos, a ascensão social e também às aspirações ao bem-estar e à qualidade de vida em geral” (VELHO, 2001).

Assim, para o autor, o papel da mediação é fundamental para a inclusão social. Nesse sentido, este trabalho traz um panorama geral para a variedade de indivíduos que podem praticar o esporte e frequentar as pistas da cidade. Assim, a variedade de identidade fomenta trocas e formas diferentes de apropriação do espaço urbano, criando demandas diferentes para que haja pertencimento. Velho conclui que “Os mediadores, estabelecendo comunicação entre grupos e categorias sociais distintas, são, muitas vezes, agentes de transformação” (VELHO, 2001).

Por último, o autor reforça que apesar de muitas mediações apenas reforçarem o status quo, há uma dimensão mais dinâmica nelas, que se associa à noção de liberdade, uma vez que reforça a possibilidade de escolha e convivência entre indivíduos diferentes. Este potencial é nítido nas pistas de skate de Salvador, onde diferentes indivíduos encontram e dividem um espaço comum.

2.8 Documentário: mediação e tratamento criativo da realidade

Considera-se que o documentário surgiu a partir do advento do cinema. As primeiras filmagens, realizadas pelos irmãos Lumière em 1895, foram registros da vida real e, por isso, não podem deixar de ser consideradas como documentários. No entanto, a linguagem do documentário como se conhece nos dias atuais surgiu apenas nos anos 1920, a partir dos filmes de Robert Flaherty (LUCENA, 2018). O primeiro filme considerado de não-ficção foi *Nanook, o Esquimó* (1922). A crítica para os filmes de Flaherty — *Nanook e Moana* (1926) — feita pelo também documentarista John Grierson, onde foi usado pela primeira vez o termo ‘documentary’, palavra inspirada na palavra francesa *documentaire*, que denominava filmes de viagem.

No entanto, o gênero não se resume ao mero registro de imagens do cotidiano. O documentário foi, em síntese, definido por Grierson como um “tratamento criativo da realidade” (1926), uma vez que utiliza pessoas reais em vez de atores e busca tratar temas inseridos no mundo real, porém, utilizando elementos criativos do cinema para narrar uma história, fato social e etc.

Vale ressaltar que o gênero não é um registro seco da realidade, por isso a definição acima carrega a expressão ‘tratamento criativo’. Com isso, torna-se evidente o papel do idealizador de qualquer documentário, pois a forma que os fatos são trabalhados dentro do filme sempre trás consigo a visão do documentarista. O que é mostrado e evidenciado, as escolhas criativas e o argumento que conduz o filme são baseados em preferências do autor.

Lucena (2018) trás um conceito para o gênero documentário: “resumindo e ao mesmo tempo ampliando o que foi dito, o documentário, diferentemente da ficção, é a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador”.

Já para Nichols (2001), o documentário é uma ‘representação do mundo em que vivemos’, no entanto, essa representação traduz uma determinada visão de mundo. E, assim como na fotografia, o público que assiste ao documentário espera mais essa representação do que a mera reprodução da realidade.

De certa forma, o documentarista pode assumir um papel de mediador, uma vez que tenta traçar uma ponte entre a juventude que está nas ruas e a universidade. “o cineasta adota uma posição específica em relação aqueles que estão representados no filme e àqueles a quem o filme se dirige. Essa posição exige negociação e consentimento” (NICHOLS, 2001).

Por outro lado, outra característica que define o que é ou não uma produção documental passa pela estrutura institucional em seu entorno. Ou seja, Nichols também ressalta que “os documentários são aquilo que fazem as organizações e instituições que os produzem”. Essa institucionalização ajuda a reforçar a ligação do documentário com a realidade, já que as produções precisam ser consideradas testemunhos do mundo histórico, deixando subentendido que os documentaristas têm acesso direto e verdadeiro ao real, sendo este um dos principais atrativos do gênero.

Os filmes já realizados e que são considerados documentários ajudam a manter uma certa tradição no que define o gênero. No entanto, para Nichols (2001), isso não deve limitar a criatividade dos documentaristas. Nenhuma fórmula e modo de fazer pode limitar a criação. Outra convenção no desenvolvimento de documentários, ainda segundo Nichols, é o caráter informativo do gênero.

A escolha de um produto audiovisual para abordar a prática do skate em Salvador é devido ao caráter estético e de movimento, essencial para o esporte radical representado. Por outro lado, Nichols (2001) reforça que ‘documentário’ é um conceito vago. “Nem todos os filmes classificados como documentários se parecem”. Essa abertura garante o uso da criatividade no tratamento dos fatos.

3. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

3.1 Motivação inicial

A partir deste ponto, o texto será conduzido em primeira pessoa, para tornar mais fluido o ato de descrever o processo criativo e de execução deste trabalho.

Escolhi produzir um trabalho sobre a prática do skate em Salvador a partir da minha experiência de aproximação com essa cultura urbana. Com a pandemia de coronavírus e a necessidade de isolamento social, vi no skate uma possibilidade de praticar um esporte que, apesar de ter uma comunidade muito unida, acaba sendo solitário. Cada movimento em cima da prancha é solitário, uma vez que apenas uma pessoa fica em cima. O desenvolvimento das manobras só é possível através do treinamento individual. Apesar de haver trocas de informações, vídeos para ver os movimentos que os outros skatistas fazem, é apenas através do conhecimento do próprio corpo que é possível de fato ‘descobrir’ como se equilibrar e fazer determinado movimento. Assim, era uma situação onde eu poderia explorar melhor essa relação com meu próprio corpo.

Por outro lado, enquanto mulher, a ligação com o corpo também trás outras subjetividades com relação ao se fazer presente na rua e se apropriar de espaços públicos e até mesmo do próprio corpo. Uma vez que, em uma sociedade que ainda perpetua machismo, o corpo de uma mulher na rua muitas vezes se torna um objeto para ser visto e talvez ‘usurado’, se colocar na rua como dona do próprio corpo é um risco que busca criar uma autoafirmação e empoderamento. Nesse sentido, ir até as pistas de skate, num local majoritariamente masculino, é uma forma de tentar ocupar esses espaços, que são públicos e, portanto, devem pertencer a todos.

Porém, para além da minha própria experiência, como pesquisadora, eu

também queria entender melhor a relação da juventude que pratica o skate com a cidade e com o coletivo. Vários questionamentos começaram a surgir na minha mente a partir do momento que comecei a frequentar as pistas e conversar com os jovens skatistas, por conta disso, considerei que seria um bom tema para ser destrinchado como trabalho de conclusão de curso de Bacharel em Comunicação.

Como observadora externa, queria descobrir se de fato havia preconceito para com os skatistas, qual a origem dessa noção, como as relações sociais se davam nestes grupos e quais eram as potencialidades que a compreensão desse processo poderia oferecer. Nesse sentido, me vi descobrindo e redescobrendo relações de poder e desigualdade social que marcam a sociedade como um todo e que acabam sendo refletidas no contexto das pistas de skate. Também pude perceber como a cultura das redes se faz fortemente presente nesse meio, auxiliando na construção de identidades sociais, sobretudo de uma geração após a minha, que já cresce com acesso à internet e em um contexto de redes sociais.

Percebi que o preconceito para com skatistas não é direcionado para um grupo homogêneo de indivíduos, uma vez que não há homogeneidade entre os adeptos da prática. Além disso, o preconceito advém muito de um estigma baseado em outros contextos, que não a prática do esporte especificamente em Salvador.

Há uma visão estereotipada do skate e dos skatistas. Isso homogeneiza o grupo, que quando analisado de perto, se revela completamente heterogêneo com relação a classes sociais, raça, gênero, e cheio de subgrupos. A noção de homogeneidade é em parte criada pelas empresas especializadas e perpetuada pela sociedade em geral, porém, não condiz com a realidade. O poder público também têm influência nesta homogeneização, uma vez que trata a construção de pistas de skate apenas com uma forma de demonstrar interesse pela 'juventude', sem considerar quem de fato quem são essas juventudes e quais as reais necessidades delas.

Desta forma, o preconceito que se disfarça como se fosse direcionado para todos os que praticam o esporte na verdade é para com sujeitos que além do skate se enquadram em outros contextos histórico-sociais de vulnerabilidade. Isso fica evidente no acesso a equipamentos de qualidade, segurança e na forma como um determinado skatista é visto por pessoas ‘de fora’.

3.2 Processo criativo e planejamento

A opção de desenvolver um documentário foi devido ao apelo estético das manobras e da velocidade. Por se tratar de um esporte cujo movimento é uma característica marcante, é mais interessante utilizar recursos audiovisuais para representar a prática.

Num primeiro momento, meu objetivo era seguir o apelo estético de outros produtos sobre o skate, utilizando elementos que reforçam a ideia de juventude, transgressão e contracultura. No entanto, com o desenvolvimento do trabalho e minha aproximação com o esporte, pude perceber o caráter mais introspectivo da prática, de forma que isso foi se revelando também na forma como resolvi tratar as imagens. Queria revelar o movimento de saída de dentro para fora e novamente para dentro, tanto com relação de casa para a rua, quanto da relação sujeito subjetivo e o encontro com o outro, também sujeito subjetivo. Esse movimento ficou ainda mais evidente devido ao isolamento social provocado pela pandemia de coronavírus.

Após definir o tema e o produto do trabalho, levantei algumas questões que achei pertinentes para o desenvolvimento do documentário. As perguntas norteadoras para iniciar conversas com skatistas que conheci ao longo do trabalho foram:

1. Como você começou a se interessar pelo skate?
2. Passou por alguma dificuldade durante esse processo?

3. Quais coisas boas e aprendizados conseguiu a partir da prática desse esporte?
4. O que acha que vai acontecer agora que o skate é um esporte olímpico?
5. Quais mudanças você espera a partir disso?

Apenas cinco pessoas foram entrevistadas em vídeo, porém, eu fiz as mesmas questões para vários outros jovens com os quais tive a oportunidade de conversar e pude perceber a convergência de respostas. As cinco pessoas que aparecem no vídeo podem ser vistas como uma síntese de muitas respostas e questionamentos que ficaram evidentes a partir dessas conversas, por isso, vou descrever cada um dos personagens do filme, que também carrega particularidades interessantes de serem destacadas.

3.3 Personagens / entrevistados

3.3.1 Caio Campos anda de skate com auxílio de um remo

Caio Campo Costa tem 26 anos, mora na Pituba, estuda medicina na Ufba e anda de skate há cerca de quinze anos. Ele começou a praticar o esporte por causa do irmão mais velho, Pedro, que ganhou um skate de presente da família. Caio nasceu com um problema na coluna vertebral e por conta disso ficou com malformação de membros inferiores e outras dificuldades de saúde. Sendo o mais novo e com essas características físicas, o jovem considera que sempre foi muito protegido pelos pais. Quando começou a tentar andar de skate os pais não o apoiaram, tinham medo que ele caísse e se machucasse. Ele relata uma situação onde ele acabou se machucando, seu pai ficou muito aborrecido e chegou a quebrar o skate para que ele não andasse mais.

No entanto, Caio não desistiu de andar, sobretudo porque, segundo relata, se

sentia realizado por poder alcançar com o equipamento uma velocidade que não conseguia alcançar com as próprias pernas. Para conseguir 'remar', que é o ato de arrastar uma das pernas no chão para impulsionar o skate para frente, ele usa um equipamento que começou a desenvolver quando era ainda jovem. Utilizando algo como se fosse um remo adaptado com uma borracha na ponta, ele consegue pegar impulso para o skate e deslizar pelas ruas. Ele teve a ideia e elaborou a partir de vídeos na internet. Desde que começou a andar até hoje, quando tem tempo livre para andar em alguma pista da cidade, ele utiliza o mesmo método.

Sua ideia e seu corpo chamam atenção de outros skatistas e ele fala que já se acostumou com várias abordagens. Já ouviu muitos cumprimentos por ele andar apesar de sua condição física mas também ouviu risadas e chacotas devido ao mesmo fator.

Caio têm uma visão um tanto desconfiada para com a popularidade do skate após os jogos olímpicos. Ele diz que muita gente pode acabar se interessando pelo que ele chama de 'modinha', mas que muitos não vão conhecer de fato o 'life style' de skatista, pois não enfrentarão dificuldades para enfrentar se quiserem praticar o esporte.

3.3.2 William Figueredo abriu sua empresa após começar a vender peças

William Figueredo, 26 anos, nasceu em Santa Bárbara, a cerca de 150 km de Salvador, e cresceu nesta cidade da região metropolitana. Ele começou a andar de skate ainda na adolescência e não imaginava que a partir deste interesse iria acabar abrindo uma empresa. O apelido GG foi adquirido porque logo quando começou a andar ele era um jovem acima do peso, coisa que causava estranhamento por parte dos colegas, segundo ele conta. No entanto William acabou se apropriando do apelido e até utilizou, anos depois, para o nome de sua loja, GG Store.

William conta que foi a falta de peças e equipamentos especializados para a prática do skate em sua cidade que o aproximaram do comércio. Ele adquiria as peças pela internet e revendia para os colegas skatistas. Foi conseguindo mais e mais clientes, fez curso de técnico administrativo e decidiu se mudar para a capital e abrir o próprio negócio. Abriu, em 2017, uma loja no bairro da Ribeira, em um centro comercial próximo da pista do bairro. Foi durante a pandemia de coronavírus que enfrentou maiores dificuldades porque viu os skatistas sumirem da pista e os clientes também. A loja física teve que ficar fechada e ele novamente voltou atenção para o e-commerce.

O que 'salvou', conta, foi a participação do skate nos jogos olímpicos. Logo após as medalhas do Brasil nas categorias de skate street e park, o jovem diz que as vendas aumentaram bastante, sobretudo para mulheres que andavam de skate na adolescência e resolveram voltar a andar, quanto para jovens meninas que se inspiravam na atleta Raíssa Leal. Muitos adultos, homens e mulheres, também passaram a incentivar os filhos pequenos na prática do esporte. O lojista diz que cresceu o número de vendas de skates 'montados', que é quando se compra um skate completo, em vez de peças avulsas.

Ele considera que os jogos foram muito importantes para a popularização do esporte e para diminuir certo estigma social que persiste para com os jovens que decidem andar de skate.

3.3.3 Matheus sai de São Caetano para andar na pista de Ribeira

Matheus Freitas, em São Caetano, mas sai de seu bairro para andar de skate na pista da Ribeira, em Salvador. O jovem de 22 anos diz que faz isso porque, apesar de ter uma pista em seu bairro e também ser o lugar de origem de muitos skatistas reconhecidos na cena soteropolitana, as condições da pista do bairro litorâneo são melhores.

Ele conta que anda de skate desde os 14 anos, mas seus pais nunca apoiaram muito seu interesse pelo esporte. O jovem diz que sempre foi induzido a gostar de futebol e esportes similares, porém se interessou pela prancha sobre rodinhas desde criança, com cerca de 4 anos, quando pediu um de presente para o pai mas não foi atendido. O interesse persistia e ele assistia campeonatos pela internet, até ganhar seu primeiro skate, na adolescência.

A interação entre os skatistas, que segundo ele costuma ser de apoio de uns para com os outros, também é um fator importante para continuar praticando. Além disso, andar de skate e fazer manobras, para ele, é uma forma de se expressar e extravasar os sentimentos. Quando está irritado, sente que anda de forma mais agressiva, quando está feliz, por outro lado, consegue ter muito mais paciência para tentar coisas novas. Para o jovem o esporte também reforça o desenvolvimento pessoal, uma vez que para conseguir executar uma manobra é necessário tentar várias vezes e não desistir. Trata-se de uma competitividade muito mais dele consigo mesmo do que com outros skatistas, relata.

Portanto, Matheus vê ressalvas à participação dos brasileiros nas Olimpíadas. Disse que viu colegas torcendo para que as adversárias de Rayssa Leal caíssem e se machucassem, para não conseguirem mais competir. O jovem diz que não acredita que este tipo de competitividade seja saudável e que não via esse tipo de comportamento nos outros campeonatos que assistiu. Além disso, ele destaca que a popularização do esporte faz com que a venda de peças falsificadas aumente, o que o torna mais perigoso para novos praticantes.

3.3.4 Jonatas têm seu primeiro skate tatuado na barriga

Por um breve período pensei em colocar o nome deste trabalho como 'Skate Salva', um trocadilho com Salvador e o verbo salvar. Isso porque a frase foi falada algumas vezes por Jonatas Santos, 24 anos, que diz que o esporte o ajudou a não se

perder no caminho do tráfico de drogas. Ele mora em Paripe e conta o que aconteceu com seu primo, com o qual andava de skate quando era jovem. O companheiro acabou se envolvendo demais com a marginalidade e acabou morto em meio a confrontos em facções rivais e o tráfico, realidade presente principalmente nas periferias brasileiras.

Por se tratar de um esporte cuja prática é um tanto cara, Jonatas conta que era necessário economizar para conseguir qualquer tipo de melhoria no seu skate. Foi aos 16 anos que ele ganhou um shape de qualidade, presente da mãe. A felicidade foi muito grande e quando o instrumento quebrou, algum tempo depois, ele não pensou duas vezes: decidiu eternizar o carrinho tatuando o shape quebrado na barriga.

Jonatas é otimista, acredita que a visibilidade trazida pelas Olimpíadas vai melhorar a visão que a maioria das pessoas têm para com o esporte. Ele, inclusive, incentiva a filha pequena a aprender a andar. Diz que não quer forçá-la, mas se houver interesse por parte da criança vai ficar muito feliz.

3.3.5 Larissa Rebouças estava cansada de ficar dentro de casa

A jovem de 26 anos decidiu que iria fazer alguma coisa que ajudasse a melhorar a autoconfiança. Larissa conta que acabou escolhendo o skate pelo apelo estético e porque era um esporte que poderia praticar sozinha, além de ser um motivo para sair de casa. Em meio a pandemia do coronavírus, ela conta que havia terminado a faculdade mas estava desempregada. Com muito tempo livre, queria motivo para sair de dentro e evitar conflitos familiares.

Larissa diz que aprendeu muita coisa com a prática do esporte. Ela ressalta a relação com o próprio corpo e com outros skatistas, sobretudo homens. O machismo

foi algo com o que a jovem teve que lidar. Ela não relata ter sofrido nenhum tipo de violência, no entanto, situações corriqueiras como os colegas ficarem tentando ensiná-la, mesmo quando ela não pediu por isso. Ou a forma como os homens falavam sobre outras mulheres quando estão em grupo, que, segundo ela, muitas vezes objetivava o corpo feminino.

Nessas situações, Larissa conta que desenvolveu diferentes modos de lidar. Em alguns momentos reclamou com os colegas, em outros preferiu ignorar ou fez de conta que não estava ouvindo nada. A jovem relata que mesmo confiando nos colegas, em alguns momentos sentiu medo, por se ver sozinha em um grupo grande onde ela era única mulher. A solução para isso, acredita, é que mais mulheres se interessem pelo esporte e que façam questão de 'ocupar' as pistas, uma vez que, ainda segundo a jovem, quando há mais mulheres presentes, os homens acabam tendo que se acostumar e respeitar.

A presença marcante de mulheres skatistas nos jogos de Tóquio trouxe um certo respeito dos rapazes que andam de skate, no entanto, Larissa ainda vê com desconfiança a visibilidade alcançada. Ela acha que as pessoas foram movidas muito mais pela emoção do momento do que de fato passaram a olhar os skatistas de outro modo. Além disso, situações de racismo e desigualdade social, na visão de Larissa, não vão mudar por conta das Olimpíadas. O que ela acredita que de fato acontecer é uma certa empolgação do grande público a cada quatro anos, quando esporte aparecer na mídia, mas que isso não necessariamente vai se converter em políticas públicas eficientes para o esporte.

3.4 Filmagens

As imagens deste trabalho foram feitas com um celular smartphone, Samsung Galaxy A30. No período que saí para filmar, em setembro de 2021, as restrições provocadas pela pandemia de coronavírus estavam vigentes em todo estado. Por

conta disso, preferi usar o celular, pela facilidade de transporte e uso. No entanto, em campo, a escolha revelou muitas limitações. A principal é com relação a qualidade das imagens, que apesar de serem em alta definição, ficaram aquém do esperado. Isso porque a claridade atrapalha o foco e deixou muitas imagens estouradas no fundo. Além disso, como optei por filmar e entrevistar os personagens sozinha, não consegui dar a devida atenção para o filme, priorizando a conversa com o entrevistado.

- Jonatas foi entrevistado no dia 4 de setembro de 2021,
- Mateus e William no dia 9 de setembro de 2021,
- Larissa no 17 de setembro,
- e Caio no dia 24 de setembro

Também tentei fazer imagens em movimento, como vi em alguns vídeos de referência, no entanto, as mesmas ficaram muito tremidas e com pouca qualidade, tanto porque o celular não têm estabilidade quanto por minha falta de habilidade em cima do skate.

3.5 Edição e montagem

A edição e montagem do material também foram feitas por mim. Utilizei o programa Adobe Premiere, que escolhi por possuir alguma experiência prévia com o mesmo. As falas foram escolhidas a partir das transcrições das entrevistas (ver anexos). Ao longo da transcrição, escolhi algumas falas que se encaixavam no roteiro prévio, que seguia as perguntas mencionadas na descrição do processo criativo.

No entanto, não gostei do produto final após uma primeira edição. Isso porque considerei que os cortes e imagens de cobertura estavam um tanto quanto ‘duras’ e faltava um certo ‘fio condutor’ que mostrasse detalhes como a questão da pandemia

e como isso afetou a realidade do momento. Foi quando decidi compartilhar também a minha própria experiência com o skate, que, como já disse, nasceu em meio a situação que nos encontrávamos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho representa a conclusão da minha trajetória acadêmica, que considero ter começado quando ingressei no grupo de extensão universitária Agência Experimental de Comunicação de Cultura (AECC). A partir deste momento meu interesse pela intersecção entre Comunicação e Cultura se iniciava. Ao longo do aprendizado acadêmico e também dentro de comunidades diversas pude perceber como os dois campos interferem um no outro, às vezes de forma sutil e outras de forma invasiva. Considero que é papel do pesquisador observar essas nuances e mediações entre cultura e comunicação pois há nesta dinâmica um forte potencial de mudança social, uma vez que a partir do momento que um grupo têm consciência da sua cultura e especificidades, essas pessoas passam a ter noção dos seus lugares no mundo e o que podem fazer para que a democracia se adeque melhor às suas realidades.

Na AECC pude trabalhar no desenvolvimento de um documentário sobre o centenário do terreiro Bate Folha, localizado no bairro de Mata Escura, em Salvador. A partir das visitas de campo e entrevistas com membros antigos da casa pude apreciar o momento em que os entrevistados deixavam a timidez de lado e aceitavam compartilhar suas histórias de vida, muitas vezes se deixando levar pelas emoções que eram resgatadas durante essas lembranças. Essa experiência foi decisiva para a minha opção por entrevistas em vídeo durante o desenvolvimento do documentário 'De volta às ruas', e até mesmo pela escolha do gênero, pois queria conseguir compartilhar um pouco desses momentos de partilha com os espectadores.

Depois da AECC, ingressei na Agência de Notícias Ciência e Cultura, onde se tornou muito mais forte para mim o papel do pesquisador e a importância da popularização dos conhecimentos acadêmicos, para além da universidade. Desta forma, fortaleci dentro de mim meu papel como pesquisadora e a possibilidade de

trabalhar com a mediação entre a rua e a universidade.

Neste ponto preciso reforçar o conceito de 'mediação', que citei mais cedo neste trabalho. De acordo com Gilberto Velho, mediação é um processo de troca que é vivenciado entre diferentes atores sociais, ressaltando diferenças e tensionamentos ou criando alianças e promovendo trocas culturais. O processo de mediação é fundamental para a inclusão social e considero que a aproximação com as juventudes soteropolitanas é importante para alcançarmos esse objetivo de forma plena, reforçando mais uma vez o papel da democracia.

Ressalto ainda a noção de 'juventudes' porque, como já haviam previsto Martin e Vitagliano, "Não há uma única juventude, e sim várias formas de vivências de juventudes" (2019). Isso se tornou mais evidente, para mim, a partir do contato com as pistas de skate, onde diferentes grupos e atletas se encontram, trocam experiências e convivem.

Por último ressalto a prática esportiva como fundamental para a qualidade de vida, seja ela qual for. A ligação com o próprio corpo se revelou, a partir da prática do skate, como uma ação política, uma vez que estar presente em determinados espaços por si só é uma ato carregado de significados e isso ficou muito claro a partir da observação de corpos diferentes ocupando espaços diferentes.

Espero que este trabalho abra uma janela para essas questões que tangem a Comunicação, Cultura, corpos humanos, poder e Democracia a partir de um olhar mais específico para as juventudes soteropolitanas, em especial para as periféricas e de minorias, que precisam sempre se fortalecer para conseguirmos lutar por políticas públicas mais eficientes e espaços positivos nos meio de comunicação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Leonardo. A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. 1. ed. Mato Grosso do Sul: Editora UFGD, 2011. 160 p. v. único. ISBN 978-85-61228-93-4.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). 2001. Mediação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Aeroplano. 344 pp.

OLIC, B. Mauricio. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. Artigo. 2014.

BARBERO, Jesus Martin. Pistas para entre-ver meios e mediações. Prefácio à 2a edição de Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2003.

BARBERO, Jesus Martin. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. Artigo publicado no site da Revista Ibero-americana da Educação, Madri, OEI, n. 32, 2005.

THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. capítulo 7: A entrevista. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992. 254-279p.

LUNA, M. e CALDAS, P. O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas. Documentário, 2000. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vgcvfXZdvbl&ab_channel=DiegoCaff%C3%A9
Acesso em 29 de maio de 2022.

MAKIJANY, M. Uma Skatista Radical. Filme, 2021.

DATAFOLHA, Instituto. Perfil de praticantes de skate no Brasil. Pesquisa, 2015.

NICHOLS, B. Introdução ao documentário. 1. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

MARIANI, C. Escritas marginais urbanas nas rua de Salvador: Cartografias e reescritas do Direito à Cidade. Orientação: Thais de Bhanthumchinda Portela. Co Orientação: Gabriela Leandro Pereira. UFBA, 2019.

MARTIN, Laura e VITAGLIANO, L. F. (orgs). Juventude no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, 2014.

FUINI, L. L., O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. Publicado em Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21 (2017), n.1, p. 19-29.

HALL, S. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260p.

PERALTA, S. Dogtown and z-boys. Documentário, 2001.

APÊNDICE A — Pré-roteiro do documentário ‘De volta às ruas’

Roteiro:

Imagem 1: Começa com cenas do skate nas olimpíadas de Tóquio. Raíssa Leal sendo campeã. O Bruno Barros também. Manchetes e etc. Depois vem uma sonora de introdução:

Sonora 1: Em 2021 o skate estreou oficialmente como modalidade olímpica. Prática popular entre a juventude, a estreia desse e outros esportes nos jogos foi visto como um movimento para atrair a audiência mais jovem para as olimpíadas. Mas a relação entre skate e juventude começou bem antes disso.

Imagem 2: Transição de recapitulação. Cenas de Dogtown, cenas de Tony Hawk, cenas de jovens andando de skate.

Sonora 2: Nas décadas anteriores, o skate como movimento urbano flertou com o Punk e Hip-Hop. Com isso se desenvolveu entre os praticantes uma noção de ‘modo de vida do skatista’, que contesta o status quo, venera a liberdade e reforça roupas de estilo despojado.

Imagens 3: [a definir].

Sonora 3: Essas características são sempre reforçadas tanto pela indústria cultural quanto pelos próprios skatistas, que se reconhecem entre si como uma subcultura urbana.

Imagens 4: [a definir]

Sonora 4: Esse fenômeno é observado em maior e menor grau em praticamente todas as cidades onde jovens se reúnem para andar de skate. Em Salvador não é diferente.

Imagens 5: cenas de Ssalitre e outros vídeos de baianos.

Sonora 5: [a definir]

20210917_095024 - 00:01:02 - L: Eu acho que tipo, skate é muito aquela coisa de tá

na rua, tá ligado, de... muito a cultura da rua... Assim, a cultura do skate ela, é além de ser o esporte tem o lance do estilo de vida e tal mas eu acho que tipo assim não tem uma cultura do skate especificamente a cultura do skate é a cultura da rua, tá ligado? Tipo, tudo que se faz na rua, tanto as batalhas de rap quanto, éé.., a galera do do da pichação né? A galera que tipo está na rua fazendo a cultura do hip-hop é meio que uma cultura urbana, tá ligado? Então é isso, as duas coisas se misturam porque está tudo na rua, tá ligado?

20210909_103246 - 00:02:23 - M: pelo menos eu vivo assim o skate, mais como expressão, quando eu tô estressado eu ando mais agressivo, têm dia que eu tô bem calmo, mando a manobra mais limpinha, tipo, é mais uma forma de me expressar, mostrar como que eu tô me sentindo, tipo até de tá mal e eu andar pra me sentir melhor, uma forma de ver os amigos, resenhar, trocar uma ideia legal, fugir do cotidiano, do normal.

20210909_093350 - 00:02:25 - W: Vou falar por mim, eu digo que o skate é um estilo de vida. [...] digo que é um estilo de vida porque se eu puder eu ando de skate todo dia, me faz bem, eu trabalho com skate, eu me sinto bem por trabalhar com skate, então pra mim o skate é um estilo de vida.

20210904_133218 - 00:03:13 - J: Rapaz, o modo de vida do skatista é o seguinte: é se superar, tá sempre se superando, sempre buscando superar os objetivos, sempre buscando aprender novas manobras, sempre buscando aprender a lidar com obstáculos diferentes, é lidar com ambientes diferentes, entendeu? Então, esse estilo de vida faz com que a gente ponha isso na vida pessoal, tá ligado? Não só no esporte.

20210909_094525 - 00:00:09 - W: manter o skate em si, a prática, é um pouco carinha né, mas o legal é isso, a gente se ajudar, a gente, a cultura do skate é bem próxima da gente se ajudar, da gente andar junto, e é isso. Só a evolução de nós mesmos, e pro esporte também.

20210909_103246 - 00:02:23 - M: As olimpíadas trouxeram bastante de competitividade pro skate. Tinha os campeonatos e tal, mas tipo, nos campeonatos ninguém ficava torcendo pra ninguém cair, pra ninguém errar. Nas Olimpíadas eu vi muito disso, a galera torcendo pra, principalmente na final, que teve a Raíssa Leal,

pra japonesa errar e tal, pra menina ganhar. E pô, skate não é isso, é porque é uma superação de você com você mesmo, na minha visão. O modo de se expressar no skate que eu acho que prejudicou. Porque agora tudo é competitivo.

Ver fala da FBS sobre competições e pós-olimpíadas

00:10:29 - L: Cara, o que eu senti tipo, no dia que aconteceu as Olimpíadas, nossa, foi assim, foi um dia que tipo tudo mudou, sabe? Estava tudo mundo vivendo no seu equilíbrio normal, os skatistas na base da pirâmide social, vagabundos, vândalos, merecem ser pisados. Aí num dia, num belo dia de repente todo mundo ficou olhando com admiração. As criancinhas “olha, mamãe” e aí a pessoa dizendo “Eeeh vai ser atleta”. Tá ligado? Tipo assim, mudou.

00:01:11 - J: Sim, porque antigamente as pessoas tinha preconceito, entendeu. Preconceito com skate porque, pelo nosso modo de vestir, pelo nosso jeito de falar, pelo jeito que a gente convive, entendeu? Pela nossa cultura. Então as pessoas não conheciam e tinham um preconceito muito grande. Não que deixe de existir esse preconceito ainda, porque têm pessoas que são muito difíceis de lidar, mas já têm pessoas que tão com a mente mais aberta, que tão dando aos seus filhos a oportunidade que muita gente, tipo eu que não tive.

00:08:48 - L: Eu acho que não é o preconceito de ver o skatista como vagabundo mas eu acho que tem um preconceito que já existe na sociedade que é o racismo, a desigualdade social mesmo, e acho que os skatistas que enfrentam o preconceito são os skatistas que já estão em situação vulnerabilidade. Porque quem tem condições tipo eh está sempre trocando de sapato, sempre trocando de roupa, trocando de peças de de, tá ligado? Sempre com skate bom e podendo levar pra esporte e se sentindo superior em relação a isso. Mas quem está na correrira mesmo, não têm muitas condições, está andando sempre com sapato furado tipo... de calça rasgada assim, e ainda mais quando a pessoa é negra mesmo, aí ela vai sofrer um preconceito bem maior porque eh quem quem está dentro do do ambiente da comunidade do skate sabe que, tipo, a pessoa está com sapato furado é uma coisa normal, é uma coisa de vivência né, mas quem está de fora, provavelmente tá cagando, tá ligado? não enxerga como atleta.

00:06:02 - J: Sim, com certeza vey, olhares tortos, é... comentários desnecessários, comentários fulos, tendeu? é, apontamento, tipo, skate é uma parada, é o seguinte, têm gente que já, que gosta de tá... sob efeito né vey, a gente somos seres humanos, tipo, têm gente que gosta de café, têm gente que gosta de tá fumando cigarro, têm gente que gosta de beber, tendeu? e já o skatista têm alguns deles que gostam de ter relação com a canabis, entendeu? e aí já te julgam por esse fato, já julgam porque alguns skatistas fazem uso da canabis, porque a gente vive num país que ela ainda é ilegal, entendeu? então esse preconceito aí vem de uma cultura já antiga, aí vai passando já de geração em geração, e aí acha que todo mundo que têm contato com a canabis é algum tipo de meliante, vagabundo, então as pessoas confundem as coisas, tendeu? julgam.

eu perdi um primo que andava de skate comigo, ele cortava cabelo, era um ótimo barbeiro, mas infelizmente pela condição de vida dele, ele não teve uma direção, tá ligado, não teve uma direção paterna, a mãe também nunca estava presente, e como essa geração tá sendo uma geração tão perversa, que acabou se envolvendo com pessoas que levaram pro túmulo. Hoje eu sinto muita falta dele, era uma pessoa muito próxima a mim, uma pessoa que me via como exemplo, e sempre ele tava ali querendo andar de skate comigo e eu sempre fortalecendo ele, pra ele andar comigo, mas infelizmente, tiraram a vida dele a pauladas, morreu covardemente pelos próprios que diziam que eram amigo dele

00:04:17 - W: Pronto... o skate né, entre aspas, sempre foi marginalizado, desde as gerações passadas, eu digo, os skatistas passados né, gente que tá, anda de skate a vinte, trinta anos atrás. E, até hoje, a gente ainda encontra um certo preconceito, de que skatista é vagabundo, que só tá ali pra fazer pixação, muitas vezes é julgado até por usar drogas e tal, são muitas das coisas que a imagem do skate trazia. Com a questão das Olimpíadas, meio que com essa repercussão que teve, com a questão da Fadinha, que é uma skatista bem nova e tal, é, meio que trouxe um pouco, mudou um pouco essa visão né, então hoje a gente têm uma visão que o skate, o skate é um esporte olímpico

00:01:11 - J: hoje eu vejo que tipo a mulecada tá tendo uma oportunidade a mais porque os pais tão com uma cabeça mais aberta, uma geração mais atual com a

mente mais ampla das ideias, tão apostando mais no esporte, tão visando mais o esporte do que o estilo de vida. Mas quando chegam através do esporte e que conhecem o estilo de vida se encanta.

00:08:48 - L: Eu acho que essa coisa do skate como esporte, o skate é um esporte, não sei o que, não sei o que, talvez prejudique porque não é só esporte, é cultura também.

00:02:23 - M: Deu uma visualização massa, a visualização pro skate é legal, só que teve muita coisa que eu achei que prejudicou também. principalmente a relação de amizade, eu acho que perdeu um pouquinho do skatista, porque hoje tá tudo visado mais competição, ser melhor, nota...

00:00:01 - J: eu espero que o meu depoimento possa contribuir com várias pessoas que têm a mente fechada com skate, relacionado ao skate, mesmo agora que o skate tá nas olimpíadas, é um esporte olímpico, mas existe muita gente preconceituosa que acham que skate têm haver com vagabundagem, que skate é isso, mas não, skate é como se fosse um seletor de pessoas que são capazes de enfrentar seus obstáculos, e quando essas pessoas não têm um obstáculo elas criam, pra poder se manter cada vez mais forte nesse mundão que a gente tá vivendo.

[musiquinha e imagens de manobras legais]

00:10:29 - L: Eu sinto que foi só um fogo no rabo, provavelente isso vai acontecer toda vez que tiver Olimpíada vai ser um boom assim pra skate aí depois volta... depois volta ao normal.

[imagens de diferenes pistas de salvador contrastando]

APÊNDICE B – Transcrições das entrevistas

Entrevista com Jonatas (John), em 04 de setembro de 2021.

Arquivo: 20210904_133218

Tempo total: 09min22'

00:00:15 - J: E aí, galera, meu nome é Jonatas, ando de skate, aí tá vendo, não ficou legal. Eu tava nervosão vey, peraí. De novo. É, meu nome é Jonatas, tenho 24 anos, ando de skate desde os meus 16 anos e o skate têm direcionado meu caminho desde então, me salvando de uma comodidade que é a realidade que existe dentro das comunidades, que é os caminhos fáceis e letais que existe nelas. Me dando sabedoria e discernimento de fazer escolhas certas.

00:01:02 - R: você tava falando que sempre as crianças se interessaram por skate mas o negócio da olimpíada deixou os pais mais cabeça aberta...

00:01:11 - J: Sim, porque antigamente as pessoas tinha preconceito, entendeu. Preconceito com skate porque, pelo nosso modo de vestir, pelo nosso jeito de falar, pelo jeito que a gente convive, entendeu? Pela nossa cultura. Então as pessoas não conheciam e tinham um preconceito muito grande. Não que deixe de existir esse preconceito ainda, porque têm pessoas que são muito difíceis de lidar, mas já têm pessoas que tão com a mente mais aberta, que tão dando aos seus filhos a oportunidade que muita gente, tipo eu que não tive. Eu queria muito ter tido a oportunidade de andar de skate quando criança. Tendeu? Mas infelizmente, as coisas acontecem quando têm que acontecer... E, então, hoje eu vejo que tipo a mulecada tá tendo uma oportunidade a mais porque os pais tão com uma cabeça mais aberta, uma geração mais atual com a mente mais ampla das ideias, tão apostando mais no esporte, tão visando mais o esporte do que o estilo de vida. Mas quando chegam através do esporte e que conhecem o estilo de vida se encanta. Aqui mesmo têm um menino chamado Pietro, ele é pequenininho, ele têm um skate que os rolamento dele é igual o meu né, ele é um moleque que sempre que me vê ele 'meu veinho do skate', e eu, eu vejo o pai dele não gostava dele com o skate, mas depois que eu conheci o pai dele, comecei a conversar com pai dele, ele

desconstruiu a mente dele, hoje ele faz questão de trazer o filho dele pro filho dele praticar o esporte. Então é outra situação, outra visão que a pessoa têm através do esporte, com essa vitória do skate aí, do esporte, como esporte olímpico, tá desbloqueando as mentes fechadas.

00:03:07 - R: Legal, mas você falou que é um modo de vida. Você pode falar um pouco mais como é que é esse modo de vida?

00:03:13 - J: Rapaz, o modo de vida do skatista é o seguinte: é se superar, tá sempre se superando, sempre buscando superar os objetivos, sempre buscando aprender novas manobras, sempre buscando aprender a lidar com obstáculos diferentes, é lidar com ambientes diferentes, entendeu? Então, esse estilo de vida faz com que a gente ponha isso na vida pessoal, tá ligado? Não só no esporte. Tipo, a gente tá sempre buscando ser uma boa pessoa, tá sempre buscando aprender mais, ensinar mais, tendeu, ser uma pessoa coerente com aquilo que a gente vive no skate, tendeu, ser uma família unida. Que skate é isso, tendeu, somos uma família mundialmente, mesmo sem conhecermos, mas quando a gente bota as quatro rodinhas no chão e que se une, a gente cria um laço como se se conhecesse a vida toda. Então esse é o estilo de vida do skatista. A união, tá ligado?

00:04:15 - R: E me fala uma coisa, é mais a título de curiosidade, por que que skatista usar roupa larga?

00:04:23 - J: Rapaz, aí vai de cada um. No meu ver, eu gosto de usar roupa larga porque eu me sinto mais seguro vey, porque skate também é algo perigoso. Eu mesmo me sinto mais seguro ao andar de calça, porque a calça já protege mais as minhas canela, meus pés, meu joelho, e conforme a idade vai chegando mais medroso você vai ficando, então você vai usando as roupas largas pra poder se sentir mais seguro.

00:04:59 - R: que tipo de música você ouve?

00:05:00 - J: ah, eu sou eclético, gosto de ouvir rap, rap é algo que anda lado a lado,

tá ligado? rock, mpb, jazz, é.. tudo, eu escuto todo tipo de música velho, todo tipo de música, porque vai de muito, vai de muito, tá ligado? cada um skatista têm seu estilo, então cada um vai escutando o que mais agrega o seu rolé, têm momentos que eu tô mais pra rock, quanto eu tô bem hard mesmo, quando eu quero aprender uma manobra nova eu só escuto rock, mas quando eu to fazendo umas linhas eu já escuto rap, umas letras que são coerentes com a minha vida, tendeu?

00:05:46 - R: e vem cá, você falou que as vezes as pessoas têm preconceito, você já passou por alguma situação assim, sei lá, de acharem estranho porque você é skatista?

00:06:02 - J: Sim, com certeza vey, olhares tortos, é... comentários desnecessários, comentários fulos, tendeu? é, apontamento, tipo, skate é uma parada, é o seguinte, têm gente que já, que gosta de tá... sob efeito né vey, a gente somos seres humanos, tipo, têm gente que gosta de café, têm gente que gosta de tá fumando cigarro, têm gente que gosta de beber, tendeu? e já o skatista têm alguns deles que gostam de ter relação com a canabis, entendeu? e aí já te julgam por esse fato, já julgam porque alguns skatistas fazem uso da canabis, porque a gente vive num país que ela ainda é ilegal, entendeu? então esse preconceito aí vem de uma cultura já antiga, aí vai passando já de geração em geração, e aí acha que todo mundo que têm contato com a canabis é algum tipo de meliante, vagabundo, então as pessoas confundem as coisas, tendeu? julgam. O julgamento, o apontamento que a gente não é, porque se chegar e conhecer mano, acredite, você nunca vai ver um skatista agredindo sua mulher em casa, você nunca vai ver um skatista agredindo alguém na rua, ou é, como é que fala, agredindo alguém verbalmente assim por nada, entendeu? Então é esse o preconceito que geralmente gera.

00:07:40 - R: Entendi. Você falou que a sua mãe, ela te apoia ou ela mudou um pouco agora com negócio de olimpíada?

00:07:47 - J: Rpz, minha mãe é uma deusa, vey. Minha mãe, meu pai, não tenho nem o que falar deles. Tipo assim, logo depois de uns dois anos com o skate, minha mãe me deu meu primeiro shape de verdade, um shape original da 'fire purple', eu

nunca vou esquecer isso. Inclusive eu tenho tatuado aqui, ele quebrou aqui, aí eu tirei uma foto, é, não dá pra ver não por causa tá bem antiga essa tatuagem, quebrou aqui aí eu fui e juntei, tirei essa foto e fiz uma tatuagem, do primeiro shape que minha mãe me deu. E assim, minha mãe apoia porque primeiramente ela já conhecia o filho dela, e conforme eu fui demonstrando a ela o que o skate tava fazendo com a minha vida, ela foi entendendo que aquilo ali tava me salvando daquilo que eu vivia, tava me salvando de mim mesmo. Das minhas escolhas erradas, das minhas direções contrárias, entendeu, então minha mãe ela me apoiou bastante e até ela, hoje ela compartilha meus vídeos, vê e curte, ela guarda, ela gosta de me ver andando, entendeu? Então ela me apoiou bastante. Me apoiou e me apoia né.

00:08:56 - R: E você treina todo dia? Como é que é?

00:08:58 - J: Olha, infelizmente eu não treino todo dia porque assim, eu, hoje eu tenho uma filha, de dois anos e sete meses, e tenho uma casa, tá ligado, pra sustentar, então infelizmente eu não tenho condição de tá andando todo dia, então, no mínimo umas três vezes na semana eu dô um rolé, eu tô aí na atividade, Entendeu? Mas se eu pudesse, tivesse condições, eu taria na pista de skate todos os dias.

00:09:33 - R: E a sua filha, você vai botar ela pra andar?

00:09:35 - J: Ah, minha filha já anda, cara, tá ligado? Já anda. Essas ladeira tudo aqui da Suburbana ela dropa comigo. Eu boto ela em pé no skate, ela desce comigo na maior empolgação, aqui também, quando ela ficar comigo, ela gosta de andar, gosta de tá em cima do skate, então ela já têm uma curiosidade, já uma vontade. Porém eu não imponho essa autoridade de 'ah, você vai andar de skate', porque nós, seres humanos, e quando estamos em formação, quando a gente impõe pruma pessoa, impõe algo a essa pessoa, geralmente a pessoa quer fazer algo contrário, ainda mais quando se trata de criança, jovem, adolescente, entendeu? sempre quer fazer o oposto, então eu deixo a mercê dela, se ela tiver a vontade eu vou ser um pai muito feliz de tá dando um rolé com a minha filha. Aí nada vai apagar essa sensação incrível de ter minha filha manobrando comigo, tá ligado?

Arquivo: 20210904_142612

Tempo total: 03min21'

00:00:01 - J: E aí, com ele não tinha como pegar, a gente pegou e fez esse negócio aí e o skate ficou pra mim e ele. E aí, fiz esse negócio no skate, aí de lá pra cá eu venho andando, observando várias pessoas que passaram por mim, várias pessoas que já tiveram a vida ceifada , é 2018 - 2019, não lembro bem o ano, eu perdi um primo que andava de skate comigo, ele cortava cabelo, era um ótimo barbeiro, mas infelizmente pela condição de vida dele, ele não teve uma direção, tá ligado, não teve uma direção paterna, a mãe também nunca estava presente, e como essa geração tá sendo uma geração tão perversa, que acabou se envolvendo com pessoas que levaram pro túmulo. Hoje eu sinto muita falta dele, era uma pessoa muito próxima a mim, uma pessoa que me via como exemplo, e sempre ele tava ali querendo andar de skate comigo e eu sempre fortalecendo ele, pra ele andar comigo, mas infelizmente, tiraram a vida dele a pauladas, morreu covardemente pelos próprios que diziam que eram amigo dele, então esses exemplos ruins que eu tive na vida me faz cada dia mais me tornar um skatista melhor, sempre tá me dedicando a ensinar pra eu poder aprender, entendeu? vários menores aí hoje em dia andam de skate pela minha insistência, por eles acharem que poderiam desistir por não conseguir fazer uma manobra, e eu sempre tá ali insistindo, não vey, eu lembro quando eu comecei, com a galare, eu era o pior de todos, eu só sabia dar gás, eu era o pior de todos, só sabia dá gás, e hoje todos eles pararam e hoje eu tô tipo sendo uma referência no skate da Suburbana, onde você chegar aí pra perguntar “porra, cê conhece John?” Aí a resposta vai ser ‘Jhon do skate?’ Porque eu venho plantando várias sementes, onde eu vou eu vou plantando semente pra que eu venha colher bons frutos, futuramente, não faço isso visando benefício próprio, mas sim o benefício de você ver alguém que salvou sua vida também através do skate, porque skate salva, skate transforma, skate ensina, entendeu? nunca uma frase foi tão bem colocada, como essa ‘skate salva’, então, eu espero que o meu depoimento possa contribuir com várias pessoas que têm a mente fechada com skate, relacionado ao skate, mesmo agora que o skate tá nas olimpíadas, é um esporte olímpico, mas existe muita gente preconceituosa que

acham que skate têm haver com vagabundagem, que skate é isso, mas não, skate é como se fosse um seletor de pessoas que são capazes de enfrentar seus obstáculos, e quando essas pessoas não têm um obstáculo elas criam, pra poder se manter cada vez mais forte nesse mundão que a gente tá vivendo.

Entrevista com Matheus Freitas, em 09 de setembro de 2021.

Arquivo: 20210909_103246

Tempo total: 03min53''

00:00:02 - M: Têm basicamente uns 10 anos mais ou menos, eu comecei quando eu tinha 14 - 15 anos. [pausa] Eu sempre gostei, desde pequeno, eu tava até conversando com o brother ali nestante sobre isso, eu sempre gostei, desde pivete, assistia vários campeonatos na televisão, desde bem guri mesmo, com 4 - 5 anos, eu pedi ao meu pai pra comprar, só que ele não gostava, até hoje eles não são muito fã, aí não apoiava tanto, sempre me deram bicicleta, bola e tal. Andei de BMX também por um tempo, mas sempre o foco foi o skate, aí quando eu tinha uns 14 anos, mais ou menos, eles compraram o primeiro, aí os outros também eu já fui fazendo uns corre né. Pra desembolar, melhorar o skate, eles me deram um skate de brinquedo, na verdade, mas salvou. Eu comecei a andar bastante.

00:01:05 - R: Entendi, e você mora em São Caetano e vem andar aqui por que?

00:01:08 - M: Porque a pista de skate de São Caetano é um pouco ruim, lá têm uma cena bastante grande de skate, têm bastantes skatistas que são referência até, que são de lá de São Caetano, como Jeffinho, [RDBeid?] também, que são amigos e tudo, só que a pista de lá é ruim, pow, eles não dão uma condição legal pra gente andar lá e eu venho andar aqui, que tá melhor do que lá. Tá precisando de uma reforma também, mas é bem melhor do que lá.

00:01:36 - R: Hum... mas aqui quais são as coisas que você acha que precisa melhorar?

00:01:38 - M: Nessa pista aqui eu acho que poderia, principalmente, corrigir as

transições, as paredes, eu acho que aquela parede reta lá, que têm a rapinha ali, a 45, podia sair e fazer outra rampa ali, conectando também, ia ficar tipo uma pirâmidezinha, ia ficar stile, né. Dá uma melhorarinha aqui nesse caixote, podia fazer um de duas alturas, essa escadinha que têm aqui atrás, podia fazer um lugarzinho pra mandar manual, ia ficar legal.

00:02:14 - R: E você tava falando que as olimpíadas mudaram as coisas, e aí, o que que era?

00:02:23 - M: Isso, principalmente a relação de amizade, eu acho que perdeu um pouquinho do skatista, porque hoje tá tudo visado mais competição, ser melhor, nota, antigamente, pelo menos eu vivo assim o skate, mais como expressão, quando eu tô estressado eu ando mais agressivo, têm dia que eu tô bem calmo, mando a manobra mais limpinha, tipo, é mais uma forma de me expressar, mostrar como que eu tô me sentindo, tipo até de tá mal e eu andar pra me sentir melhor, uma forma de ver os amigos, resenhar, trocar uma ideia legal, fugir do cotidiano, do normal. As olimpíadas trouxeram bastante de competitividade pro skate. Tinha os campeonatos e tal, mas tipo, nos campeonatos ninguém ficava torcendo pra ninguém cair, pra ninguém errar. Nas Olimpíadas eu vi muito disso, a galera torcendo pra, principalmente na final, que teve a Raíssa Leal, pra japonesa errar e tal, pra menina ganhar. E pô, skate não é isso, é porque é uma superação de você com você mesmo, na minha visão. O modo de se expressar no skate que eu acho que prejudicou. Porque agora tudo é competitivo. E também prejudicou com relação a falsificação, de skates, de marcas de skates, os produtos também ficaram bastante caros. Deu uma visualização massa, a visualização pro skate é legal, só que teve muita coisa que eu achei que prejudicou também.

Entrevista com Willian Figueredo, em 09 de setembro de 2021.

Arquivo: 20210909_093350

Tempo total: 11min05'

00:00:02 - W: Eu me chamo Willian Figueredo, trabalho com skate há cinco anos, e ando de skate há 10 anos, e meu interesse com skate começou através de, fui

skatista e tal, também tenho muitos amigos que andam também. E comecei a andar de skate e por eu morar no interior, não tinha acesso à peças, então busquei peças na internet e tal, não só pra mim, mas também para amigos. Decidi que, como estoque de peças em casa, de vendas e tal para amigos, decidi botar uma lojinha né, um cantinho em casa e tal, pra começar a venda de peças, fui atendendo o pessoal local primeiro, e depois comecei, abri vendas para outras regiões né, eu morava no interior, em Santa Bárbara e aí decidi vir pra Salvador, cidade grande e tal, e descobri, na verdade, esse ponto, que é próximo a uma pista de skate, isso favorece bastante, e tô aqui, graças a Deus, há cinco anos. Infelizmente também enfrentando dois anos de pandemia, mas é isso né.

00:01:15 - R: E como você acha que as Olimpíadas afetaram na prática do skate? Você percebe alguma diferença no movimento da loja, ou nas vendas online?

00:01: 23 - W: Pronto, vamos lá. A pandemia em si, né, por tá todo mundo recluso e tal, pra se cuidarem, óbvio, deixou muita gente de fazer a prática do skate e com isso as vendas, óbvio, também baixaram, as pessoas precisam andar de skate para também comprar reposição do material na loja, então com isso abaixou um pouco as vendas. O shopping também estava bem recluso e tal, de acesso, mas a gente também por fazer vendas também pela internet, OLX, instagram, todos esses métodos de redes sociais, de marketing e divulgação, deu pra gente se segurar e tal, os clientes também. A gente trabalha com bastante clientes locais e também regionais de outros lugares, mandando materiais pra eles.

00:02:18 - R: Você acha que existe diferença entre a prática do skate como esporte e como modo de vida.

00:02:25 - W: Ah sim, com certeza. Vou falar por mim, eu digo que o skate é um estilo de vida. Porque você anda de skate e tal, mas você têm um modo de se vestir, as vezes você têm um, vamos dizer, um estilo de música diferente, então algumas pessoas levam o skate apenas como esporte, como um hobby, que você anda ali, quanto tá sem fazer nada e tal, de bobeira, mas, tipo eu mesmo, digo que é um estilo de vida porque se eu puder eu ando de skate todo dia, me faz bem, eu trabalho com

skate, eu me sinto bem por trabalhar com skate, então pra mim o skate é um estilo de vida.

00:03:13 - R: E você pode falar um pouco mais do que seria esse estilo de vida além da questão estética?

00:03:18 - W: Pronto, vamos supor, é... é simples amizades que você encontra no dia a dia, depois de um dia longo de trabalho, pra você sentar, dar um rolê de skate, é, falar como foi o dia a dia e tal. Planejar viagens também... então são muitos dos assuntos que envolvem na questão do "life stile", que o estilo de skate... então vai de gostos musicais, vai de roupas também, lugares frequentados, então é algo não só esporte, não só esporte olímpico hoje, mas também algo cultural, né, que chegou pra nós.

00:04:05 - R: ... É, com relação ao preconceito. Você acha que havia, já houve, algum certo preconceito pra com skatistas assim, e você acha que isso pode mudar com a questão das olimpíadas?

00:04:17 - W: Pronto... o skate né, entre aspas, sempre foi marginalizado, desde as gerações passadas, eu digo, os skatistas passados né, gente que tá, anda de skate a vinte, trinta anos atrás. E, até hoje, a gente ainda encontra um certo preconceito, de que skatista é vagabundo, que só tá ali pra fazer pixação, muitas vezes é julgado até por usar drogas e tal, são muitas das coisas que a imagem do skate trazia. Com a questão das Olimpíadas, meio que com essa repercussão que teve, com a questão da Fadinha, que é uma skatista bem nova e tal, é, meio que trouxe um pouco, mudou um pouco essa visão né, então hoje a gente têm uma visão que o skate, o skate é um esporte olímpico, então, pelo menos aqui na loja, muita gente, muita "fadinha", né, que é uma skatista bem nova... é, meio que trouxe um pouco, mudou um pouco essa visão né? Então hoje a gente têm uma visão que o skate... o skate é um esporte olímpico, então, pelo menos aqui na loja, muita gente, muita 'fadinha' né, é pessoas de, meninas de 10 - 12 anos - 15, começando a andar de skate, pessoas também, já com 40 - 45 anos, que andaram de skate na adolescência, voltando a andar agora também, então isso é bacana né, meio que trouxe uma visão totalmente diferente do

skate hoje. Não só do skate, mas também do surf, né? Que são “esportes coligados”, que tão ali juntinhos.

00:05:38 - R: Mas na sua opinião, porque que você acha que começou essa visão do skate como uma coisa ‘marginal’?

00:05:38 - W: Bom, isso aí, na verdade, são de gerações passadas, né. Eu, por ser novo, comecei a andar de skate “agora”, de 10 anos pra cá, meio que a gente acompanhou né, essa geração, então, é, vamos se dizer, claro, mudanças vem ocorrendo desses períodos atrás pra cá né, é... então, dependendo de nós mesmos né... a gente vai... corta, corta, corta. [pausa]. Na verdade já é de um tempo atrás mesmo, né. É uma coisa difícil de responder, porque já é uma cultura e uma marginalização bem antiga, então, eu, por tá chegando agora, é muito difícil até falar sobre isso, porque eu meio que recebi, né? Essa, por eu, começar a andar de skate e tal, por, sei lá, por eu ser tatuado, por eu gostar de skate, a gente meio que “recebe” né? não só elogios mas também... sei lá, patadas nas costas né. Infelizmente o skate ainda é marginalizado, infelizmente.

00:07:23 - R: Você percebe que têm mais mulheres na cena do skate, agora, também com essa coisa das Olimpíadas?

00:07:26 - W: Claro. Eu como lojista, fico até lisonjeado, na verdade, em saber que têm muitas meninas começando a andar, né. E na verdade, é visto como esporte só “de homem”, né. Então, com essa Fadinha e essa medalha olímpica, nas Olimpíadas, trouxe as meninas novinhas que tão começando a andar de skate e tal, primeiro contato, mulheres também, que andaram de skate há muito tempo atrás e também voltando a andar, fazendo ajuste naquele skate que tá um tempão parado, então meio que as mulheres chegou a ter semanas aqui na loja de vendas, que foram mais pra skate de mulheres do que de homens.

00:08:08 - R: Entendi... E você comentou assim que, é, o que faz os skatistas, sei lá, se conhecer e ter contato, é a questão da música. Normalmente, que tipo de música é?

00:08:21 - W: Bom, o que combina com skate e tal, vamos dizer que é um rock, né? Rock, reggae, principalmente também, é o que eu vejo muita gente usar e o Rap, né? Rap, HipHop, isso já é cultural mesmo, né? A gente têm muitos skatistas também, não só antigos, mas atuais, que também andam de skate e fazem rap e tal, tudo direitinho. Então é bem legal, são os estilos musicais mesmo que são mais tocados assim... Então um reggae, hiphop, rap mesmo...

00:09:00 - R: E você pratica skate há 10 anos, quais foram as principais dificuldades que você enfrentou pra continuar treinando, continuar trabalhando com isso?

00:09:06 - W: Pronto.. Desde o início, primeiramente foi por eu estar no interior, morar no interior, a dificuldade de achar peças, de achar peças baratas, principalmente. Eu só achava peças um pouco mais caras e na internet, então já tinha a questão de frete e tal, essas coisas. Eu comecei com um skate bem antigo, vamos se dizer, que assim né, que foi uma doação de um amigo meu, pra incentivar mesmo, e na época também eu era bem gordinho, por isso até o apelido 'GG', então ele me incentivou a começar a andar, e tal, a buscar as peças na internet, comecei com as vendas também. Mas skate em si, são peças um pouco caras, é, o material de reposição que às vezes, mensal, uma pessoa não consegue colocar um shape novo e tal, a pessoa às vezes até quer, mas não consegue, porque a matéria prima em si tá bem cara, pós pandemia. É, eu acredito que seja isso, a dificuldade mesmo foi questão de achar peças e tal, e também o preconceito né, por ser gordinho e tal, por andar de skate e tal, por ter tatuagens em si, eu carreguei muito preconceito, então isso era bastante chato né... mas, de qualquer forma, foi muito gratificante começar a andar de skate, e começar a trabalhar com o que eu gosto né...

Arquivo: 20210909_094525

Tempo total: 54''

00:00:09 - W: Bom, esse shape aqui é pra doação, pra novos skatistas que tão começando, o pessoal que não têm uma condição né, entre aspas, pra botar um shape 'novo' e tal. E também a gente deixa algum material pra reposição aqui no

cantinho, alguns clientes também que trocam material, pegam material novo da loja e já deixa algum shape e também rodas pra doação, então eu deixo no cantinho, o pessoal vem e recolhe, então isso é legal, não só como lojista, mas também como skatista, né, minhas peça próprias, também do meu skate, eu sempre procuro fazer uma doação, tênis também, porque, pra manter o skate em si, a prática, é um pouco carinha né, mas o legal é isso, a gente se ajudar, a gente, a cultura do skate é bem próxima da gente se ajudar, da gente andar junto, e é isso. Só a evolução de nós mesmos, e pro esporte também.

Arquivo: 20210909_094738

Tempo total: 35''

00:00:03 - W: Vamos dizer que o skate hoje me salvou né? Hoje, graças a Deus, é meu trabalho, me divirto muito em cada atendimento ao cliente, em cada rolê, em cada sorriso, então, hoje, eu digo que o skate me salva todo dia, não só em cada venda, mas em cada rolê mesmo. É, fico feliz também de, muitos amigos também, né, deixaram de tá em uma farra, fazendo até coisas erradas, mas até pra dá uma volta de skate faz bem até, não só pra o corpo, mas a prática do esporte, mas também pra mente... então isso é muito importante, skate realmente salva.

Entrevista com Larissa, em 17 de setembro de 2021

Arquivo: 20210917_095024

Tempo total: 12'40''

00:00:14 - R: como começou seu interessa por skate?

00:00:23 - L: Eu não faço a menor ideia. Na verdade começou quando eu comecei a fazer rap. Eu acho que foi porque eu tava muito sozinha, aí eu ficava muito em casa sozinha, então eu comecei a sair... eu não sei. Quando foi que eu comprei um skate? Eu decidi que o skate ia ser bom pra mim porque eu precisava de mais autoconfiança. Foi, acho que foi a partir daí que eu comprei um skate, e pra mim foi mais uma coisa de tipo, não ficar tão presa em casa sozinha, e começar a sair de

casa e ficar sozinha na rua. E era basicamente isso, acho que foi assim que começou.

00:01:01 - R: Mas tu falou que começou a ter interesse no skate a partir do rap. Na tua opinião, qual seria a ligação entre as duas coisas?

00:01:02 - L: Eu acho que tipo, skate é muito aquela coisa de tá na rua, tá ligado, de... muito a cultura da rua... Assim, a cultura do skate ela, eh além de ser o esporte tem o o lance do estilo de vida e tal mas eu acho que tipo assim não tem uma cultura do skate especificamente a cultura do skate é a cultura da rua, tá ligado? Tipo, tudo que se faz na rua, tanto as batalhas de rap quanto, éé.., a galera do do da pichação né? A galera que tipo está na rua fazendo a cultura do hip-hop é meio que uma cultura urbana, tá ligado? Então é isso, as duas coisas se misturam porque está tudo na rua, tá ligado?

00:02:01 - R: Você falou que estava muito em casa... Por que seria importante estar na rua?

00:02:09 - L: Acho que é mais, tipo, conflito de família. É mais eh ficar em casa ouvindo eh coisa coisa chata assim sabe? Tipo acho que um monte de gete deve passar por alguma coisa assim: ficar em casa é só ouvindo sermão. E não não está a vontade em casa. Não fica se sentindo a vontade em casa, então, acho que foi mais ou menos isso que me chamou pro skate.

00:02:40 - R: E tu se sente segura de ficar na pista de skate?

00:02:50 - L: Depende do horário. Porque eu não gosto de tá na rua de noite, de noite, muito tarde. Eu gosto de eu eu gosto de voltar pra casa de noite só se eu voltar com um monte de gente. Mas agora eu tô numa vibe que eu também não quero mais voltar tarde da noite, eu só quero voltar... Eu já fui assaltada, né? Tipo, voltando de skate. Éeee, não era tarde da noite não, mas era dia de eleição, aí não tinha policiamento na rua. Eu estava voltando de skate, aí eu fiquei tipo um pouco traumatizada assim, daí eu prefiro voltar antes do sol se por ou então logo quando o

sol se põe, ficar só um pouquinho assim. Não gosto muito de ficar de noite, tarde da noite, na rua não...

00:03:40 - R: E quais foram as principais dificuldades para começar a praticar o skate?

00:03:42 - L: A principal dificuldade, a dificuldade que eu acho que dura pra sempre, mentira, eu não sei se dura pra sempre, mas acho que é questão financeira mesmo, né? Porque tipo assim a gente a gente vai sentindo que dá pra evoluir mas ainda tem aquelas coisas que tem que trocar, tem que trocar peça, tem que trocar roupa e as roupa vai se estragando e o sapato vai se rasgando. Aí eu já troquei de sapato milhões de vezes, esse sapato mesmo não sapato de andar de skate. E... acho que a dificuldade financeira... é... acho que é a principal dificuldade.

00:04:21 - R: Com relação ao aprendizado, o que tu pode dizer que aprendeu a partir da prática do skate?

00:04:28 - L: Eu tinha decidido que eu ia aprender, eu ia ser mais autoconfiante na partir do momento que eu... eu acho que eu sinto que talvez eu tenha ficado um pouco mais autoconfiante desde que eu comecei a andar de skate. Mas ainda assim não é uma coisa muito como se eu tivesse que mudar o meu jeito, o meu jeito mais pacífico. Eu não sinto que eu mudei meu jeito mais pacífico, eu não sou ainda aquela pessoa assim, que tipo, sei lá, alguém pisa no meu calo e eu me defendo na hora. Talvez eu ainda tenho um jeito meio pacífico, mas eu meio que comecei a me entender, a ter mais autoconhecimento, assim, sabe? Comecei a respeitar os meus limites e apreciar o tempo das coisas. Eu acho que uma das coisas principais que aprendi com skate foi apreciar o tempo né? O aprendizado de ser devagarinho assim, de ser de passinho em passinho, e e me respeitar e e não me comparar com os outros... não ficar me autodepressando, tem várias coisas assim, sobre auto confiança que eu achei que eu ia aprender com o skate e acho que eu aprendi. Mas eu não deixei de ser uma pessoa serena e pacífica, talvez pacífica.

00:06:00 - R: Vê isso com uma qualidade?

00:06:03- L: Ah, as vezes é um defeito... Por que talvez eu quisesse ser uma pessoa mais reativa. Talvez eu quisesse. Mas a gente tem que ser como a gente é.

00:06:32 - R: E com relação a estilo de vida e prática? Consegue ver algum relação entre as duas coisas?

00:06:35 - L: Eu acho que tem gente que leva pro pra questão da prática do esporte e que não tem vivência nenhuma com essa coisa da cultura da rua e tals. Eh tem gente que ainda tem muito preconceito assim, tipo, dá pra ver nitidamente a galera que é mais conservadora, tem uma galera conservadora, que não gosta de se misturar com... que gosta, é é engraçado, né? Porque dentro do do esporte tem ainda preconceito, tem ainda aquela coisa de divisão assim de quem é disso, quem é d aquilo e eu acho que tipo, não é questão de ser um ser mais importante do que o outro porque no final das contas o skate vai entrar na vida de cada um, cada um vai ter um um aprendizado com aquilo ali, tá ligado? Mas eu acho que tem gente que gosta dessa coisa do esporte e de de levar o skate como esporte e tipo o que não é esporte, o que é cultura, eles chamam de vandalismo e coisa de vagabundagem né e tals e aí no final das contas tem uma certa divisão assim de skatistas e skatistas, sabe?

00:07:54 - R: E com quais desses tu se identidica mais?

00:07:55 - L: Honestamente eu não sei, porque tipo assim, ao mesmo tempo que eu me sinto muito nerd andando de skate, eu não me sinto tão essa pessoa tipo da rua sabe? Eu me sinto muito nerd e eu sou muito metódica mesmo. Acho que pôr um por um lado eu me eu me levo mais pro lado da prática mesmo, eu sou bem metódica com a prática, bem metódica. Mas as vezes também eu relaxo e aí eu começo a me divertir só, então, eu não me vejo nem em um nem em outro mas acho que eu me identifico mais a questão da cultura talvez. Aí eu não sei.

00:08:41 - R: Mas vem cá, por que tu acha que existe esse preconceito, de ver o skatista como vagabundo?

00:08:48 - L: Eu acho que não é o preconceito de ver o skatista como vagabundo mas eu acho que tem um preconceito que já existe na sociedade que é o racismo, a desigualdade social mesmo, e acho que os skatistas que enfrentam o preconceito são os skatistas que já estão em situação vulnerabilidade. Porque quem tem condições tipo eh está sempre trocando de sapato, sempre trocando de roupa, trocando de peças de de, tá ligado? Sempre com skate bom e podendo levar pra esporte e se sentindo superior em relação a isso. Mas quem está na correria mesmo, não têm muitas condições, está andando sempre com sapato furado tipo... de calça rasgada assim, e ainda mais quando a pessoa é negra mesmo, aí ela vai sofrer um preconceito bem maior porque eh quem quem está dentro do do ambiente da comunidade do skate sabe que, tipo, a pessoa está com sapato furado é uma coisa normal, é uma coisa de vivência né, mas quem está de fora, provavelmente tá cagando, tá ligado? não enxerga como atleta. Eu acho que essa coisa do skate como esporte, o skate é um esporta, não sei o que, não sei o que, talvez prejudique porque não é só esporte, é cultura também.

00:10:14 - R: Então, já entrando na questão das Olimpíadas, como tu acha que pode afetar a vivência do skate essa questão da visibilidade que as Olimpíadas trouxeram?

00:10:29 - L: Cara, o que eu senti tipo, no dia que aconteceu as Olimpíadas, nossa, foi assim, foi um dia que tipo tudo mudou, sabe? Estava tudo mundo vivendo no seu equilíbrio normal, os skatistas na base da pirâmide social, vagabundos, vândalos, merecem ser pisados. Aí num dia, num belo dia de repente todo mundo ficou olhando com admiração. As criancinhas “olha, mamãe” e aí a pessoa dezoando “Eeeh vai ser atleta”. Tá ligado? Tipo assim, mudou. Só que assim, passou vey. Parece que tipo assim, deve ter coisas que devem ter mudado, mas pra mim, pra minha vivência assim, de sei lá tão pouco esqueitista que eu sou, eu acho que foi um pouco no rabo que bateu assim, depois passou e aí já voltou pra vagabundagem. Agora os skatistas tão passando pelo mesmo problema de antes, mas eu não sei véi, eu acho que em outros fatores que deve ter mudado mais a questão das Olimpíadas mas o que eu senti assim, tanto de família, eh, quanto de de gente que quando a gente passa na rua andando de skate, as pessoas ficam comentando. Antes as pessoas eram mais,

eh, destratando né? E depois chegou um dia ou dois dias que as pessoas começaram a admirar e “ohhh, skatista!” E aí foi voltando ao normal. Eu sinto que foi só um fogo no rabo, provavelmente isso vai acontecer toda vez que tiver Olimpíada vai ser um boom assim pra skate aí depois volta... depois volta ao normal.

Entrevista com Larissa, em 17 de setembro de 2021

Arquivo: 20210917_100706

Tempo total: 16'47''

00:00:09 - R: Sabemos que a gente vive em uma sociedade muito machista e que as mulheres sofrem ainda muitas coisas consideradas machistas, queria saber da tua vivência com skate, se tu consideraria que foi porque tu é mulher.

00:00:28 - L: Eu acho que tipo assim, eu não eu não acho que o esporte seja um esporte muito machista. Porque é um esporte muito individualista pra ser machista. Então eh uma coisa que tu faz sozinha, só tu e o teu carrinho, tá ligado? Eh, se você sentir que o ambiente é muito tóxico, cê pode realmente se retirar e é basicamente essa é a maior dificuldade, tá ligado? Tipo, sentir que o ambiente é tóxico e se retirar, porque aí eu acabo me retirando de um por um.

00:01:03 - R: Como assim?

00:01:04 - L: Tipo, eh arrumar uma treta em cada pista. Aí de repente eu eu arranjei umas treta e aí eu não eu não quero mais ir praquela pista nunca mais. Eu faço isso direto na verdade. Mas assim eu acho que tipo tem dois tem dois fatores que eu considero tipo machismo muito comum no skate. Um é o “Mansplaining” porque basicamente eu eu vejo que os caras começam com essa história de querer explicar as coisas e querer pegar você pra ser uma cria deles tá ligado? Ah é mais, tipo assim, hoje em dia eu já não sinto mais tanto isso. Na verdade eu até percebo isso, tipo, eu tô andando de esqueite normal e alguém vem reclamar. Olha, você tem que treinar, mas vou ali, viu? Olha, você tem que treinar, não sei o que, viu? Olha, você tem que tipo assim, é é uma cobrança chata, tá ligado? Eu não acho assim uma superopressão. Mas, é chatinha assim, tipo, me incomodou mais no início. Tipo, hoje

em dia já não me incomoda tanto, não me atrapalha tanto, mas acho que no início tipo tirava um pouco a naturalidade da coisa, tipo aquela coisa de hoje eu só queria me divertir, tá ligado? Eu não quero esse porque tipo assim, na verdade não me incomoda mais hoje porque eu aprendi a porra do ollie. Eu demorei dois anos da minha vida pra aprender esse ollie e aí sempre eu ficava sendo cobrada e cobrada e cobrada e cobrada por uma coisa que talvez eu nem tivesse tão me importando tanto. Mas aí eles vão lá e ficam insistindo, insistindo, insistindo. Isso é chato. Mas isso é basicamente pra chamar atenção, eu vejo mais como uma forma de de puxar um assunto, tá ligado? E você não está andando de skate pra flertar. Então é um pouco chato quando um cara tipo se interessa por você tá andando de skate, tá ligado? O cara se interessa por você e aí ele começa a querer puxar assunto e às vezes ser um pouco invasivo assim, mas assim, a nível de assédio por exemplo, assédio é uma coisa comum, dependendo também da roupa, porque agora eu tenho usado mais roupa larga mas antigamente eu usava muito legging e roupa curta também eu gosto de eu gosto de usar roupa curta e eh mas a questão assim de assédio eu acho que é mais no geralzão, assim tipo, eu posso sofrer assédio tanto na pista quanto vindo ainda pra pista de skate, então eu não sei se eu posso considerar isso como um machismo do esporte, tá ligado? Mas outra coisa também que é muito comum é que dizem que quando os homens conversam coisas quando não tem nenhuma mulher presente eles ficam mais a vontade pra conversar um monte de coisa escrota, suja nojenta e aí eu sinto que tipo é isso exatamente essa questão incomoda, incomoda muito, incomoda porque tipo não dá pra fingir que, tipo, dá pra fingir no geral assim porque eu não vou ficar a cada cinco minutos problematizando uma conversa com os homens, eu vou deixar eles conversarem o que eles quiserem conversar e tipo conversa de pista de skate e conversa de de roda de de rap, são os dois ambientes assim mais nojentos que eu já estive na minha vida, sabe? E a analogia mesmo que eu que eu posso fazer é como entrar no banheiro masculino, tá ligado? Se tipo tu quer fazer as tuas necessidades lá, né? Aí o banheiro feminino está fechado. Aí o banheiro masculino está aberto. Você vai fazer o quê? Tu vai entrar mas vai ficar atenta. Tipo assim tu não vai ficar lá demorando, apreciando. Ninguém entra no banheiro masculino porque quer, assim. Ai, que maravilha o banheiro masculino, vou ali passear. E É exatamente isso, tá ligado, você lida assim com o fluxo de de de coisas e informações assim que você

não queria está tendo acesso por livre e espontânea vontade, aí assim, acho que tipo, eu tive três fases nessa coisa de me adaptar com pensamento masculino. Primeira fase é me fazer de surda né? Tipo, que era a coisa mais óbvia talvez de se fazer. É você fingir que não está ouvindo certas coisas pra você manter a porra do seu equilíbrio mental. Quando ele começam a conversar, quando homem começa a conversar sobre estupro, por exemplo, eu fico muito paranoica, muito paranoica. Tipo, uma vez ele puxaram um assunto assim e aí eu fiquei tipo assim “não tem nenhuma mulher aqui, nenhuma mulher aqui, meu Deus pra onde eu corro?” São coisas mínimas, tá ligado? Tipo, o maior problema do machismo no skate é não ter muita mulher andando de skate, porque isso eu acho que naturaliza. Se tivesse muito homem e muita mulher ficava normal, mas como tem muito homem e eu tenho que lidar muito com o que os homens conversam, eu fico, aí eu fico me sentindo... sei lá véi. Eh eu fico com nojo por exemplo se uma mulher gostosa passa assim, eh, e o cara vai lá e fala assim “a gostosa, não sei o que, te arrombava, fazia isso, não sei o quê” eu estou andando de skate e o cara que falou a merda é skatista, tá ligado? Mas eu me identifico com o skatista ou eu me identifico com a mulher? Me identifico com a mulher, vey, eu sinto nojo, tá ligado? E aí tipo, primeira fase de fazer de surda, aí depois de um tempo cê percebe que você não consegue mais se fazer de surda, aí cê começa a se fazer de burra. E aí, foi uma das coisas assim que porque tipo assim, aqui a gente tem aqui a a zona dos “machões”, aqui é onde tem os obstáculos, é onde só vem os os homão pra cá, ainda mais na na hora que o sol está mais tranquilinho, só vem os machões e ninguém pode vir pra cá que isso vier pra cá vem lidar com a gente estressada, porque skatista também é estressado. Aí, lá na frente, é que é uma zona mais das criança assim, mais dos visitantes, não sei o que. Quando tem criança na pista de skate é muito, muito bom pra mim, eu fico muito mais à vontade do que quando eu tenho que lidar com machões o tempo todo, sabe? Aí quando tem criança, quando tem adolescnte, aí eu fico mais a vontade, eu levo mais pro lado divertido...E eu percebi também que eu me dessexualizei muito. Tipo, antigamente na escola era normal falar de sexo, sendo mulher e falar de sexo, e e outras pessoas da mesma faixa etária que eu, sobre coisas assim era normal. Mas na pista de skate eu comecei a assumir uma postura de tipo assim criança mesmo, como se eu fosse criança tá ligado? Pra eu poder não têm que lidar. Entendeu? Sendo que os homens estão o tempo todo falando disso. E aí acho que

foi exatamente essa fase de se fazer de burra. E por último, a última fase assim que é tipo Nirvana, transcedeu assim, total. É de se fazer de louca. Tem que se fazer de louca. E aí eu me coloco no lugar dos machões e eu, com os meus um metro e cinquenta e seis de altura, já me sinto assim, o “swasnenegger”, tá ligado? Eu me sinto o machão, e aí eu não me identifico e começo a perceber o meu lado sujo também. A minha mente poluída também. Mas eu ainda não posso me misturar assim. Eu sei que, tipo, se eu falar alguma coisa é diferente do que eles estão lá. Eles estão falando entre si o tempo todo um monte de baixaria e se eu chegar e falar tipo, aí eles vão ficar desconsertados porque eu sou mulher. Hum. Ah e sei lá, é estranho. Mas é isso.

00:10:15 - R: Por último é a questão dá... geralmente as pessoas associam a questão da “vagabundagem” por causa do uso de substâncias ilícitas. Então qual seria a tua visão das drogas com relação ao skate e com relação à juventude e o preconceito disso na sociedade?

00:10:38 - L: Ai rapaz esse negócio é complexo, muito complexo, vamos lá. Eu acho que tipo assim tem vários skatistas têm os seus vícios... Eu acho que o skate em si já é um vício... porque ele mexe com esse lance da adrenalina, da adrenalina no corpo né, e com o tempo eh eu meio que fui percebendo que eu fiquei viciada assim no skate assim, se eu fico muito tempo sem andar de skate, muito tempo parada, eu começo a ficar triste e aí depois quando eu volto a andar de skate eu percebo “caramba era isso que estava faltando no meu corpo!” Mas o skate em si já é como se fosse um vício, mas tem gente que, sinceramente eu acho que tem gente que anda de skate que não não usa droga nenhuma, tá ligado? E tem gente que que usa um monte de coisa. Não dá pra pra dizer assim associar skate com maconha. Eu não sei de onde que veio essa associação de skate com maconha, sabe? Não dá pra dizer assim, “ah! Fumar maconha e andar de skate é muito bom”. Tipo “as duas coisas ‘casam’” mas eu acho que não. Acho que vai de pessoa pra pessoa. Acho acho que o maconheiro vai ser maconheiro sendo skatista ou não, sabe? Mas eu não sei de onde que vem essa essa associação de verdade... mas eu acho que talvez seja até a a desculpa pra tem muita gente também, que não fuma maconha, que é care tão e tals e que o é reprimido assim na família tipo porque pra andar de

skate porque vai virar maconheiro. Talvez não velho! Você não sabe, a pessoa pode ir jogar bola e virar maconheiro. É qualquer coisa mano. Eu não sei o que dizer com relação a isso...

00:12:44 - R: Tu acha que têm algum preconceito da polícia ou dos órgão públicos com relação a skatistas?

00:12:50 - L: Siiim... Porque têm... eu acho que também porque têm skatista que gosta de às vezes entrar em propriedade privada porque viu um negócio assim lisinho ali. "Olha aquilo ali dá pra fazer não sei o quê". E aí já tem essas coisas assim de fazer coisa proibida. Têm... ah, realmente eu acho que skate é adrenalina pura, tá ligado? Então acho que a polícia associa. Eles eles fazem uma associação sim, tipo de achar que maconheiro é skatista, que todo maconheiro é skatista e todo skatista é maconheiro. [E vai fazer bagunça na propriedade privada]. Sim, exatamente.

00:13:15 - R: Tu se sente mais confortável pra andar em uma pista do que em outra?

00:13:53 - L: Eu tenho sim as pistas que eu não me sinto confortável por exemplo e eu não vou mais. Por causa de trata... É isso. Tipo eu perco... eu ganho ranço de uma pessoa específica... aí eu deixo a pista inteira... mas sei lá véi, acho que é eu gosto mais do caminho daqui do Parque dos Ventos até Jardas mas quando eu chego no Jardas às vezes também... eu acho que é mais as pessoas mesmo, velho, tipo as pessoas as pessoas fazem eu não gostar de uma pista de skate. Depende de como é que está o clima dela com as pessoas ali. Uma vez eu fui na pista dos Barris e eu fiquei um pouco sem graça mas com o tempo eu me adaptei e foi bem divertido. Aí num outro dia eu fui tentar ir lá de novo e tipo estava todo mundo num clima pesadão assim de briga e aí eu não consegui me sentir à vontade. Aí eu nunca mais voltei lá na pista dos Barris. Mas eu acho que é o é o clima das pessoas mesmo, sabe? Porque o lance da pista eh pista de skate você tem que lidar com todo mundo, está ligado? Você está lidando ali com o seu skate, mas você tem que ficar de olho em tudo que está acontecendo. Então é uma coisa muito do do coletivo mesmo, aprender a viver em coletivo, a pista de skate. Só que você fazer um passeio

com esse que eu fai de ir daqui até o Jardas e voltar, isso aí é mais sozinha, é uma coisa que eu, eu gosto desses passeios sozinha, eu acho muito importante pra mim que aí eu fico mais a vontade. Agora a lance da pista é é viver em comunidade mesmo. Então vai da do clima das pessoas, se as pessoas estão mais receptivas ou não... Eu sinto falta mais do skate, não da pista...